

TRABALHO, PODER E SEXUALIDADE:

Histórias e valores femininos *

Martha Patricia Ponce Jiménez *

Nos últimos anos, o interesse em conhecer e reavaliar o papel que as mulheres desempenham na prática social têm gerado inumeráveis seminários, pesquisas, publicações e instituições especializadas. As mulheres têm sido estudadas a partir de diversas perspectivas e pontos de vista, como operárias, donas de casa, sindicalistas, costureiras, domésticas e profissionais. Longe de ter sido excluída deste interesse, a situação da mulher camponesa tornou-se um tema abordado por numerosos estudos.

As pesquisas sobre mulheres camponesas no México vêm sendo desenvolvidas já há várias décadas. Essas pesquisas, no entanto, têm privilegiado a problemática econômica e social do trabalho feminino através de duas grandes linhas: a) na produção agrícola familiar e b) como assalariadas no mercado de trabalho. Num primeiro momento, a maior parte dos estudos analisava a situação da mulher da perspectiva de sua contribuição à "economia camponesa". Posteriormente, a família ou o grupo doméstico foram incorporados como unidades de análise. Isto possibilitou conhecer as diferenças existentes no interior desses grupos, mostrando a improcedência de fazer generalizações sobre a situação das mulheres camponesas. Esta abordagem incorporou também a necessidade de analisar a mulher das perspectivas de classe e gênero, iluminando a particular divisão

* Tradução de Adriana Piscitelli; Mariza Corrêa e Susana Moreira.

* Pesquisadora do Centro de Investigación y Estudios Superiores en Antropología Social, (CIESAS), México. Doutoranda em Ciências Sociais Área Família e Gênero. IFCH. UNICAMP.

Trabalho, poder e sexualidade

social e sexual do trabalho específica no interior do campesinato.ⁱ

Apesar desses avanços e contribuições substantivas das pesquisas sobre a realidade das mulheres no meio agrário mexicano, a maior parte dos estudos continuam privilegiando a descrição e a análise do papel das mulheres na produção. São poucos os trabalhos que se referem ao conhecimento de outras características deste setor da população, tais como suas condições de saúde, cosmovisões, interesses e sentimentos. Os estudos que se ocupam da sexualidade das mulheres camponesas, ainda mais escassos, tratam tangencialmente deste aspecto, focalizando, sobretudo, os temas saúde, maternidade, reprodução e anticoncepçãoⁱⁱ. Entretanto, pouco sabemos sobre a esfera das representações simbólicas, sobre as normas e valores associados à sexualidade e até sobre sua prática.ⁱⁱⁱ

A pesquisa que realizei para obter o grau de mestre em antropologia social, numa comunidade produtora de cana e de café, na região central do estado de Veracruz, México, teve como objetivo, precisamente, conhecer como um grupo de mulheres camponesas concebem, exercem e explicam sua sexualidade.^{iv}

ⁱ ARANDA, Bezaury J. (org) Las mujeres en el campo. Instituto de Investigaciones Sociológicas, Universidad Autónoma Benito Juárez de Oaxaca, México, 1988: Introducción.

ⁱⁱ Os artigos de FIGUEROA, J. G. y RIVERA, G. "Algunas reflexiones sobre la representación social de la sexualidad femenina" IN Nueva Antropología, no.14, 1992, pp.101-112, apresentam dois enfoques que relacionam a representação social da sexualidade com variáveis sócio-econômicas e demográficas.

ⁱⁱⁱ Os trabalhos de SELVA, Beatriz. "Comportamiento Reproductivo y sus valoraciones. Un estudio de caso de la colonia Guerrero" IN, Textos y Pretextos: Once estudios sobre la mujer. PIEM - Colégio de México, México, 1991, pp. 463-500 e CASTAÑEDA, Martha P. "El cuerpo y la sexualidad de las mujeres Nautontecas" IN GONZÁLES MONTES, S. (org) Mujeres y relaciones de género en la Antropología Latinoamericana, PIEM - Colégio de México, México, 1993, pp.121-141., mostram algumas pesquisas que apontam neste sentido.

^{iv} PONCE JIMENÉZ, Martha P. La Morada de Xochiquetzal. Un estudio de caso sobre la sexualidad femenina en el campo veracruzano. Tese de mestrado em Antropologia Social, CIESAS, México, 1993.

A utilização de histórias de vida me permitiu alcançar os graus de confiança e profundidade necessários para penetrar nessas vidas íntimas e desconhecidas.^v As mulheres, com suas próprias vozes e linguagens, possibilitaram a tentativa de reconstruir seu modo de vida a partir de suas próprias experiências e percepções. Os fios condutores das histórias de vida foram a história familiar, de trabalho e amorosa.

Nesta comunidade de Veracruz, o campo e as tarefas a eles associadas são considerados trabalhos de "homens": cabe a eles a responsabilidade de sustentar a família. As atividades do lar são pensadas como tarefas de "mulheres": a obrigação delas é serem esposas e mães. No entanto, as mulheres são obrigadas a incorporar-se ao trabalho produtivo desde pequenas, evitando, quando os irmãos frequentam a escola ou alugam sua força de trabalho, que o pai contrate trabalhadores. Aos quatorze anos, as jovens começam a trabalhar como assalariadas nas fazendas produtoras de cana e de café da região. Deste modo, enfrentar o mundo como mulheres significa responsabilizar-se pelas tarefas da reprodução e, na maior parte dos casos, também pela subsistência familiar. [Nas falas femininas] os homens, ao contrário, constantemente deixam de cumprir com suas obrigações.

^v As histórias de vida, instrumento valioso para o resgate etnográfico, possibilitam um encontro com a história social - que compreende tanto as relações sócio-econômicas como as práticas culturais de uma época, geradas como resultado de um processo coletivo. Uma das características das histórias de vida é que elas dão a conhecer as vidas dos seres humanos, nas quais eles aparecem como autores de sua própria história. Trata-se de uma história construída cotidianamente, num processo que combina ação coletiva e contribuições individuais. Por este motivo, embora permitam conhecer cosmovisões particulares, a experiência cotidiana reprimida, as histórias de vida não são meros reflexos da vida pessoal. Além de serem resultado de técnicas escrupulosas de entrevista, gravação e transcrição, as histórias de vida são, também, produtos de pesquisas de campo orientadas por questionamentos e problemáticas específicos, resultando em sínteses que adotam as formas totalizantes de relatos, nos quais o "objeto" de estudos transforma-se em sujeito.

Esta metodologia possibilita resgatar não apenas os fatos históricos, mas a forma em que estes foram percebidos pelos sujeitos históricos. Nestas interpretações aparecem o real e o simbólico, os sentimentos e o subjetivo; subjetividade que deve ser contemplada como objeto da pesquisa histórico-antropológica, uma vez que constitui um espaço privilegiado para conhecer e compreender como as mulheres interpretam, reelaboram, vivem e explicam suas experiências e representações coletivas.

Trabalho, poder e sexualidade

Aos quarenta anos, as mulheres contam com uma longa trajetória de trabalho, têm mais de quatro filhos - muitas vezes, de diversos pais, ou são mães solteiras que tiveram vários amantes. A incorporação destas mulheres ao trabalho num espaço considerado masculino, desenvolvendo tarefas que não são próprias de seu gênero e o seu desempenho do papel de provedoras, tradicionalmente considerado como obrigação "dos homens", permite um relativo equilíbrio entre os sexos. Os homens, uma vez que conhecem, por experiência, a capacidade das mulheres para enfrentar a vida sozinhas, as consideram seres iguais e até superiores.

Neste "deslocamento de gênero" insere-se outro elemento da maior importância: a sexualidade feminina. Livre de proibições monogâmicas e desinibida, a sexualidade feminina é praticada de maneira ampla e diversa. Isto possibilita às mulheres um poder de decisão sobre o seu corpo que aparece também em outras esferas. É importante destacar que, em San Juan, reconhece-se amplamente o direito das mulheres a obter prazer sexual. O corpo, "Deus nos deu para usá-lo", nas falas destas camponesas. Portanto, o ato sexual é realizado para gozar e, ainda mais, por "necessidade"^{vi}, dependendo da "temperatura" de cada mulher^{vii}.

As histórias de vida permitem perceber que as mulheres sabem que a vida familiar se organiza em torno delas e consideram-se responsáveis pelo seu bom funcionamento. Conscientes de seu papel como reprodutoras e provedoras na unidade doméstica, elas se erigem em autoridade. O matrimônio é considerado uma relação contratual: se o homem não "cumpre" com sua parceira, econômica ou sexualmente, ela tem o direito e

^{vi} Em San Juan a "necessidade" é pensada como qualquer tipo de carência material que impede a satisfação das necessidades básicas do grupo doméstico ou do indivíduo.

^{vii} Nessa comunidade há mulheres consideradas de "natureza alta" ou "quentinhas", isto é, mulheres com constante necessidade sexual.

a liberdade de "procurar o que lhe falta na casa". Deste modo, o marido que "não cumpre" não tem direito nenhum de exigir, gritar ou bater, nem sequer de comer. O único direito que resta para aqueles que não assumem seus papéis de homens, dado que não se responsabilizam pelo sustento da mulher e dos filhos, é permanecer calados. Assim, as mulheres obtêm liberdade para serem infiéis, particularmente em períodos de escassez econômica. Nessas situações elas se vêm obrigadas a obter recursos suplementares através do relacionamento com algum homem da mesma comunidade. A frequência e a quantidade de "ajuda" recebida - com a que se cobre boa parte do gasto familiar, beneficiando também o marido - dá o caráter de eventualidade ou de permanência a esses relacionamentos.

A maior parte das mulheres preferem o amante ao marido, já que obtêm mais prazer e dinheiro com os amantes que, por outro lado, exigem menores responsabilidades: não é necessário lavar, passar, preparar a marmita, alimentos, nem dormir todas as noites com eles. O amante não tem direito a exigir ou pedir explicações sobre a vida de sua parceira: ele jamais poderia exigir da amante o que cobraria da esposa. A única obrigação de uma mulher para com seu amante é ser fiel, enquanto ele "cumpra" com ela.

Ter um amante é uma prática socialmente aceita e generalizada que faz parte dos costumes da comunidade. Esta prática não motiva a separação dos esposos, nem sequer nos casos em que uma mulher fica grávida do amante. Geralmente o marido aceita o filho como próprio, considerando que "pai não é quem gera mas quem cria". Visto desta maneira, ter um amante torna-se uma alternativa real, permitida e atraente.

As relações de gênero modificam-se ao se deslocarem os papéis tradicionais. Nesta comunidade, quando as mulheres percebem-se capazes de desempenhar as mesmas atividades que os homens tais como trabalhar, sustentar o lar, ser infiel e obter prazer, eles são desmistificados, desvalorizados. Os homens

Trabalho, poder e sexualidade

calam e aceitam a "superioridade" feminina, obtendo, ao mesmo tempo, alguns benefícios. Certamente isto é parte das estratégias materiais de sobrevivência familiar, mas também é parte das estratégias simbólicas: o marido é uma porta do cotidiano, da solidão e da violência; o amante opera à maneira de uma janela para o mundo e para o prazer.

Esta comunidade camponesa põe em questão a universalidade do modelo das relações de gênero hierarquizadas, no qual as mulheres são necessariamente subordinadas. A ideologia local não se encaixa completamente no modelo "patriarcal", uma vez que, entre estes camponeses, há uma relação de relativa complementaridade econômica entre os sexos e direitos equivalentes entre homens e mulheres, particularmente evidentes quando se presta atenção à sexualidade. As mulheres ocupam um espaço importante na esfera da produção, e tomam todo tipo de decisões que a elas digam respeito. Os homens reconhecem a importância do papel das mulheres na vida comunitária e as pensam como "superiores". Eles se sentem "inferiores" e reconhecem sua incompetência para desempenhar os papéis tradicionais de gênero que lhes cabem.

Finalmente, as mulheres têm plena consciência de que seus corpos lhes pertencem e podem, portanto, fazer o que desejam com eles, usando-os para obter prazer. Elas outorgam importância à sua capacidade criativa para dar vida; no entanto, sua sexualidade não se reduz à reprodução da espécie. A fidelidade feminina e a virgindade não são valores importantes, as mulheres deixam que seu desejo aflore, sem associá-lo necessariamente ao matrimônio ou à maternidade, e seu corpo orienta-se para a busca do prazer. Apesar disto, a maternidade, que é o eixo em torno do qual estas mulheres organizam suas vidas e uma parte importante de seus valores, é o símbolo

dominante através do qual se tecem e resolvem as contradições entre normas e práticas.

Estas mulheres se defrontam com a impossibilidade de achar homens responsáveis que, assumindo seus papéis de provedores, lhes possibilitem desempenhar os papéis ideais de gênero associados às mulheres. Como sujeitos ativos, protagonistas fundamentais e dinâmicos do processo social, elas utilizam diversas estratégias para solucionar os problemas colocados pela subsistência familiar. Estas estratégias são desenvolvidas num mundo em que qualquer transgressão é justificada socialmente, se é cometida "por necessidade", isto é, para proteger e cuidar dos filhos.

Em algumas circunstâncias, o corpo do homem é visto de maneira utilitária, como uma fonte de recursos e de prazer e, substituível, quando não responde às expectativas femininas. Entretanto, estas mulheres não querem ser homens, ter o poder deles, nem apropriar-se de seu saber. Sentem necessidade dos homens, particularmente em termos sexuais, afirmando assim a complementaridade com o "outro", diferente delas.

O quadro apresentado por esta comunidade não pode ser generalizado. No entanto, ele nos obriga a nuançar as teorias que afirmam que a família camponesa mexicana é permeada pelo modelo patriarcal. Estas teorias afirmam a fidelidade feminina como um dos pilares desse modelo: uma fidelidade caracterizada pela inibição da sexualidade ou orientada para a procriação. A procriação seria a única finalidade na vida das mulheres, que se tornariam responsáveis pela unidade familiar. Esses papéis de gênero, pensados como se fossem "femininos por excelência" seriam produto da biologia.^{viii} Em San Juan não há lugar para a

^{viii} Para uma descrição de estereótipos sobre o campo mexicano, vide GONZÁLEZ, Luis. "Lugares comunes acerca de lo rural" IN ZEPEDA, J. Las sociedades rurales Hoy, El Colégio de Michoacán-CONACYT, México, 1988, pp. 51-61. Sobre a sexualidade e suas representações, vide MORENO, Marisela. "Trabajo agrícola, subordinación sexual y capital. Las mujeres

Trabalho, poder e sexualidade

teoria da honra que "... delega à mulheres a virtude, expressa na pureza sexual, e aos homens, o dever de defender a pureza feminina. Deste modo, a honra pressupõe a pureza sexual da mãe, esposa e filhas, irmãs, e não a própria honra masculina.^{ix}

Algumas perspectivas teóricas do feminismo continuam insistindo em afirmar a universalidade da subordinação feminina, em destacar apenas a desvalorização do papel da mulher na sociedade e mostrar como o corpo feminino é utilizado por outros. Considero que muitas pesquisadoras, na luta por tornar evidentes e, ao mesmo tempo, reduzir as relações de exploração e opressão que vivem no cotidiano, perderam de vista mundos nos quais há relacionamentos menos desiguais, nos quais "o feminino" adquire, em condições específicas e dentro de estruturas e cosmovisões particulares, um espaço próprio e destacado.

O acesso às experiências destas mulheres camponesas facilita nossa compreensão de que a subordinação não é uma condição permanente e estática. Trata-se de uma posição que as mulheres ocupam, em contextos históricos concretos, em determinados momentos de seu ciclo de vida e em diversos níveis das relações sociais que estabelecem. As experiências que apresento aqui mostram que as mulheres, como outros sujeitos sociais, percorrem caminhos de subordinação, de igualdade e também de autoridade. Considero que a subordinação, longe de ser a posição única e constante que as mulheres ocupam, é apenas uma, entre muitas outras. As estratégias femininas para resistir e superar condições opressivas - não necessariamente conscientes -, as formas utilizadas para exercer influência ou poder e a manipulação de tais condições desenvolvem-se de

cafetaleras de la Sierra Norte de Puebla" IN ARANDA, B. (org), 1988, opt. cit., pp.236-244 y FIGUEROA, J. 1992, opt. cit.

^{ix} PITT-RIVERS, J. Antropología del Honor o la Política de los sexos. Ensayos de Antropología Mediterránea, Crítica, Barcelona, España, 1979, pp. 49.

maneira individual e coletiva, formando parte das identidades das mulheres. Por este motivo, os processos socializadores proporcionam às mulheres elementos versáteis que permitem a manipulação da realidade de acordo com suas próprias condições de existência, fornecendo-lhes ferramentas para maximizar sua capacidade de sobrevivência e para transitar, dentro do marco social, da subordinação à igualdade. Estas mulheres demonstram, ao longo de suas vidas, que os espaços dos poderes femininos não necessariamente se expressam na esfera da produção, nem na "vida pública", senão, precisamente, no âmbito doméstico e familiar, na "vida privada" -entendida não em contraposição com a primeira, mas como esferas de uma totalidade. Esta visão dicotomizada - privado/público - deve ser evitada para modificar a imagem tradicional de uma mulher como objeto dependente e indefeso.

A escassez de pesquisas sobre a sexualidade, tema carregado de preconceitos, ambiguidades e proibições, impede generalizações sobre padrões de comportamento sexual nos sistemas de gênero de diversas culturas. O reduzido número de trabalhos impede, também, realizar estudos comparativos em relação às diferenças locais ou regionais, historicamente situadas.^x Apesar disso, o caso de San Juan oferece elementos valiosos para a reflexão.

Numa perspectiva que considera importante resgatar a participação feminina e mostrar como a invisibilidade das

^x Cada cultura constrói sistemas de valores nos quais se estabelecem as categorias e os papéis convencionais para cada sexo, que não derivam das diferenças biológicas entre homens e mulheres. Um aparelho simbólico e coercitivo é construído para que os indivíduos respeitem os padrões ideais de conduta ou sancionem as infrações. É verdade, porém, que os indivíduos, através da prática social, manipulam as normas, as tornam flexíveis, as utilizam de maneira conjuntural, as quebram e reelaboram de acordo com suas experiências e necessidades. No caso de San Juan, a noção de "necessidade" participa intensamente da gradual modificação de normas e valores.

Trabalho, poder e sexualidade

mulheres é apenas aparente - contribuindo assim para dissolver a "masculinização" da história social - torna-se fundamental considerar a auto-percepção das mulheres, revelada em seus testemunhos. Eles são uma descrição interpretativa e minuciosa que, longe de oferecer uma imagem objetiva, quantitativa, homogênea ou representativa do "feminino", mostram, sobretudo, a grande diversidade da vida humana.

“Porque não sou a primeira, somos várias”^{xi}

Desde que era menina, as mulheres trabalham no campo. Minha mãe trabalhou muitos anos no campo, desde os nove anos até os quarenta... trabalhava nas terras do meu avô e parte em terras alheias. Fazia de tudo: enxadão, cortar lenha, apanhar café. Quando alguém se dedica ao campo faz tudo menos cortar cana.

Aqui, o costume é que a maioria procura empregar mulheres, porque lhes pagam menos que aos homens e trabalham mais. Desde que era garota, nos pagavam cinco pesos e pagavam nove pesos aos homens: trabalhávamos mais e nos pagavam menos. Porque nós, as mulheres, trabalhávamos das sete da manhã até às quatro da tarde. No entanto, os homens trabalhavam das sete da manhã até às duas da tarde. Pelo simples fato de que dizem que um homem trabalha mais duro que uma mulher... mas, aparentemente, se a pessoa se põe a trabalhar como um homem, uma mulher que use bem o enxadão, trabalha mais que o homem.

Nós, entre mulheres, os vimos nas tarefas; íamos ao canavial e muitas vezes acabávamos antes que os homens. Até hoje se paga menos à mulher, porque se uma mulher vai trabalhar no campo, dão a ela dez, onze mil pesos, e o homem ganha quinze mil.

^{xi} Esta história de vida faz parte, originalmente, do meu livro *Amazonas Apasionadas*, Premio DEMAC 1993-1994, Editorial DEMAC, México, 1994. Agradeço ao Centro de Documentación y Estudios de Mujeres A.C., permitir sua inclusão neste artigo (vide versão original em espanhol, pg 240)

Aqui é normal que uma mulher trabalhe no campo. Comecei a trabalhar na roça desde os onze anos: enxadão, adubar ou carpir em equipe. Quem me ensinou foi meu pai, porque meu pai, desde que éramos pequenos, com seis ou sete anos, já nos levava ao campo. Desde que tinha sete ou oito anos de idade, "vamos apanhar café para que aprendam", se pode, o pai a leva junto com o enxadão.

- Olha aqui, filha, começa a carpir os matinhos de café, para ir aprendendo.

É como se eu, como mãe, dissesse: "olha, lava estes trapos para que aprendas a lavar, para que aprendas a usar o pano de chão".

Meu pai nunca me disse: "Este é um trabalho de homem, este é um trabalho de mulher". Não. Seu dizer era: "Uma mulher pode fazer o mesmo que um homem faz, mas o que a diferencia é que tem menos força que um homem". Mas, se o homem pode cortar, trabalhar com o enxadão, a mulher também. Se a mulher pode adubar, o homem também. O único que uma mulher não pode fazer é cortar cana e ainda que pudesse, não poderia carregá-la, porque é muito pesada, e como é preciso por nos carros [de boi], é mais difícil. Quando estava com cinco anos e ainda não trabalhava no campo, me cabia lavar, passar, preparar comida, fazer tortillas,^{xii} cuidar dos meus irmãos menores e esperar que meus pais voltassem do trabalho. Uma vez, a caneca de café virou em cima de mim e queimei minha barriga. Se não fosse por uma vizinha que estava ali, teria ficado urrando até que eles chegassem. É que antigamente não havia fogão a gás, só braseiro de lenha. Então, como o braseiro estava no alto, tinha que subir numa cadeira e, na hora de descer, a caneca de café virou, caiu com a cadeira e o café derramou na minha barriga. A vizinha me ajudou, tirou minha roupa e me untaram com pó de

^{xii} Panquecas feitas de farinha de milho que constituem um alimento básico no campo.

Trabalho, poder e sexualidade

café com manteiga. Quando minha mãe chegou, já tinham cuidado de mim... mas, no dia seguinte, foram embora e me deixaram.

Quando estava com oito anos, me enviaram a uma casa para cuidar de um bebê como babá. Então, trabalhei aí mais ou menos um ano. Saí depois e fui a Veracruz, onde fiquei dois anos, também como babá. Depois voltei e comecei a trabalhar no campo de outros. Entregava em casa todo o dinheiro que ganhava. Na verdade, durante todo o tempo que trabalhei sempre me vesti com presentes, com roupinha que ganhava nos lugares em que trabalhava.

Pouco sei da escola. Fui até o segundo ano do primário. Ia à escola meio dia e meio dia ia à roça, trabalhar, porque saindo da escola ia procurar minha mãe onde ela trabalhava. Levantava às quatro da manhã para que desse tempo de deixar o quintal bem varrido, as plantas bem molhadas, a casa varrida por dentro e ia à escola. Chegava da escola às duas e meia, e, em tempos de colheita, ia para a plantação de café. Na volta, carregava água, lavava louça. Às vezes juntava vários molequinhos na casa, para que me ajudassem. Quando me ajudavam nas tarefas ia brincar, mas tinha que deixar preparados o café e a comida. Tinha muito desejo de continuar estudando, mas meu pai não podia continuar a pagar meus estudos porque éramos muitos na família e ganhava-se pouco.

Quando era menina, quase não brincava. Quando brincava, era das oito da noite em diante e nunca gostei de brincar de boneca... sempre gostei de bola, pião, amarelinha, balanço e de dar cambalhotas nas planícies, brincava junto com meninas e meninos. No máximo, tinha meia hora, ou uma hora... às vezes me excedia, ainda que me batessem. Bateram muito em mim quando era menina. Chegou ao ponto em que meu pai me deu uma surra que me levou ao hospital. Bateu com um pau. [Os pais] eram mais exigentes, não como agora, agora a senhora vê que as crianças vão embora e brincam a tarde inteira.

Quando comecei ir para a roça, me juntava com amigas, faziam-se grupos de mulheres... comecei a trabalhar com Dona Lupe e sua filha. Entrava-se no grupo sem saber nada, aí se aprendia, porque não dá trabalho nenhum chegar à roça e ver como a outra começa, e fazer o mesmo. A pessoa tinha que sair daqui às seis, caminhando, para chegar lá às sete da manhã, e sair às três da tarde, às quatro.

O trabalho é pesado mas, veja, o campo é muito bonito, de verdade; a gente se distrai muito, mesmo que vá trabalhar, come tranquilo e, acho que devem ser os costumes, porque eu, se estou aqui em casa, aborreço-me.... preciso ir à roça, mesmo um ou dois dias da semana, porque aqui me aborreço.

Trabalhei desde garota. Na roça, em casas particulares, depois, já casada com meu marido, continuei trabalhando na roça e ajudando-o como servente de pedreiro. Porque, pelo menos quando fizemos esta casa, ele não pagou serventes, o servente fui eu... mesmo bem grávida dos meus filhos, mesmo assim, trabalhava. Meu marido nunca me disse que estes são trabalhos de homem, ele sempre me dizia:

- Bom, acho que podes, sim. Se um dia usas o enxadão, como não poderias preparar um pouco de massa aqui? Vou ensinar-te como fazer, como assentar um tijolo.

E graças a Deus, comadre, talvez porque sempre pus inteligência, se tento rebocar uma parte que não tem reboco, posso, sim. Resolvo fazer massa para fazer um tanque e posso fazê-lo, sim... por esse lado nada é difícil para mim.

Quando era pequena, as senhoras e as moças trabalhavam mais na roça do que como domésticas. Primeiro, porque as senhoras de antigamente quase não sabiam ler, não sabiam das letras e, não sabendo ler, como iam pegar ônibus? Segundo, quase não existiam serviços de ônibus a toda hora, como agora. Antes, eles só passavam duas vezes, pela noite e de manhã, eram os únicos, não tinha mais. Nesta época, na roça, [as mulheres]

Trabalho, poder e sexualidade

começavam a trabalhar às sete e saíam às três e o marido as deixava ir porque, na verdade, aqui o costume já é assim, mesmo casadas, assim que vêm que o que ganha o homem quase não é suficiente, elas dizem:

- Se me dão trabalho na roça, eu vou.

Aqui também já é costume procurar um homem que te ajude a criar os filhos, mesmo que tenhas marido... na realidade aqui são a maioria. E desde que eu era pequena. Olha, sem ir muito longe, na minha família, minhas avós tiveram filhos de maridos diferentes. Vejamos, a senhora me diga porque? Minha avó por parte de pai tem filhos de sobrenome Martinez, tem outros de sobrenome Oropeza e tem meu pai, que é Parra... ou seja, isso tem anos. Algumas o fazem porque o marido é irresponsável e a mulher tem que se virar, algumas, e algumas, mesmo que tenham tudo, mas é a necessidade ou já é o costume, o gosto.

Isso acontece, depende do homem ... vamos supor que gosta daquela mulher, está afim, entre piscares de olhos, num descuido, se encontraram, se falaram e pronto... Ela sabe que [ele] lhe dará dinheiro. Ela procura algo seguro. Na realidade, agora há muitas mulheres nesta situação, que aceitam por dez ou quinze mil pesos, porque com quinze mil pesos seus filhos já comem.

A maior parte delas anda com homens casados, porque os jovens solteiros não aceitam qualquer mulher assim, além disso, o casado tem dinheiro sobrando. Muitas vezes, o marido sabe que está sendo enganado e não diz nada, porque dizem que as mulheres lhes dão coisas para que eles não liguem... dão-lhes um bom remédio.^{xiii} Os remédios funcionam. Muitas costumam lixar as unhas, [juntam] à menstruação e colocam isso na bebida ou na comida. Outras juntam todos esses trapos sujos e enchem o

^{xiii} Bebida preparada com sangue menstrual.

travesseiro [do marido] para que durma. Há uma vizinha aqui em cima que quando sua sogra se deu conta como ela tratava do filho, pôs ela para correr, tirou tudo o que havia [no travesseiro] e contou ao filho. Trataram dele e ficou bom.^{xiv} Ela andava com outros senhores e, além disso, fazia os tamales bem feitos para ele.^{xv}

Mas, também, muitos [maridos] gostam porque são bem alimentados e sabem que se eles derem dinheiro [às mulheres], bem, e se não derem, comerão do mesmo jeito.

Ela procura a forma de fazê-lo e eles ficam só olhando. Isto também é costume para os homens: "que a minha mulher traga o suficiente para comer..." Sem ir muito longe, veja minha cunhada; meu irmão não ganha muito, mas ele vem e entrega [o dinheiro] à mulher. Ela tem geladeira, tem televisão, sala de jantar, camas, tem seu ventilador, tem tudo, casa boa... e mesmo assim, busca. Meu irmão sabe, mas não acredita.

Ou seja, há mulheres que o fazem por necessidade e outras porque gostam de provocar... porque isso é ser provocante comadre, a senhora desculpe a palavra, mas isso é sem vergonhice, porque se o marido a está sustentando não têm porque fazer isso. Ora, penso que é natural satisfazer os desejos do corpo, sim, mas se têm marido é melhor que o façam com ele... Tem o caso de uma amiga, essa costumava fazer assim; aparece um homem na frente dela, o faz com ele e ainda mora com o marido: tem-no na barra de sua saia, controlado. Muitas vezes disse a ela:

- Alicia, não faça isso. Pensa que não serás jovem para sempre. Esses homens estão se aproveitando de ti porque, se

^{xiv} Acredita-se que quando um homem está sob os efeitos de um "remédio" é necessário levá-lo a uma curandeira para que tire o mal que o adoce, através de certas ervas.

^{xv} Tamal, na sua acepção corrente, quer dizer pamonha. No entanto, no depoimento chama-se de tamal ao conjunto de toalhas e sangue utilizado como "remédio".

Trabalho, poder e sexualidade

puderem, não te darão nem um tostão, o que te dão são apenas bugigangas. Ah! Como dizem, nem para sabonete...

- Não. Mas é que mal chegam perto eu sinto...

- Bobagens. Agüenta até que volte teu marido.

Não sei o que estas mulheres precisam... Tem a senhora da cantina, que teve vários maridos, já é velha e agora está com um que é muito jovem e ela diz que foi este o único homem que conseguiu aplacá-la. É muito grosseira quando fala e assim, com palavrões, diz que ela tem comido carne de diferentes [homens] e que se for medi-las já teria feito um encanamento daqui a Veracruz... ela ri, mas diz que nenhum homem foi tão do gosto dela como o atual e que ela prefere sustentá-lo, vesti-lo, calçá-lo e dar-lhe dinheiro para que ele não a deixe.

Ora, se o homem não lhe dá [dinheiro], que pode [uma mulher] fazer? Procurar, porque não vai deixar seus filhos morrerem de fome. Ora, se têm filhos pequenos, como os abandonaria para trabalhar? Pois ela vê uma forma mais fácil de ganhar a vida. Uma velhinha dizia: "a mulher é honrada até o meio dia, se ao meio dia não tiver o que comer, ela precisa se virar".

Jamais critico uma mulher que, embora casada, o faça pelos filhos. Acho que alguém faz muitas coisas pelos filhos, para que não lhes falte comida... porque um adulto agüenta, mas as crianças? Elas não agüentam, chega a hora em que estão com fome e dizem:

-Mamãe, quero comer.

E se aquela mulher não tem como esquentar nem sequer um pouquinho d' água, o que é que ela faz? Seria tonta ou preguiçosa se nem soubesse dizer: "Vou com alguém e tiro dez mil pesos dele e com isso dou comida aos meus filhos durante três dias, mesmo que seja feijãozinho e tortillas". Se tens um amante permanente, dependendo do arranjo que tenhas, recibes dele cada semana ou apenas cada vez que dormes com ele, então isso

não é amor. Isso acontecerá cada vez que lhe presta o serviço, ele pagará o serviço, há diferenças. Mais convém um [amante] fixo que sei que vai me ajudar, preste eu ou não o serviço... e há, sim, senhores assim, senhores, porque não estou falando de garotos.

No começo, a gente vai por necessidade, mas chega a existir amor... porque olha, eu tive relações com um senhor casado durante doze anos... não é bem que seja casado, é mais ou menos; sua mulher é velha e também não tem filhos. Era o que dizia: "não como o pão de sua família, porque [ele] não tem [família]". Pois este senhor estava já velho, eu era mais nova, mais jovem, talvez isso era o que ele via em mim, a minha juventude. Uma manhã eu ia para a rua, ele estava na frente de sua casa...

- Onde vais?

- Vou fazer uma compra.

- Hum! Tens lenha?

- Uuuuy! Lenha, de onde? Quem traria lenha para mim?

Não vê que meu marido está trabalhando em Veracruz. Mas quase não preciso lenha, só as vezes, para fazer tortillas.

- Aaah! Ali atrás, cortei e tem muita lenha de café. Se queres daqui a pouco pegas um pouquinho.

Em momento nenhum pensei em tirar vantagem... e trouxe, sim, um pouco de lenha. Mas, quando voltei ele estava aí e me disse:

- A cada quantos dias vem teu marido?

- As vezes ele tarda quinze ou vinte dias, as vezes um mês.

- Dizem que ele é muito pão duro contigo.

- Sim, ele é um pouco pão duro. Mas, o que o senhor quer que faça? Tenho que agüentá-lo pelos meus filhos.

- Mas você sofre.

- Pois é, sofrer, sim, sofro, porque, na verdade, há dias em que não tenho pão nem tortillas. Se não o agüento, onde

Trabalho, poder e sexualidade

trabalharia com estes meninos? Trabalho no que é nosso, mas isso só dá dinheiro quando há café.

- Aí o tens, como ajuda.

Ele não insistiu com nenhuma outra palavra. Naquele tempo, o dinheiro tinha valor, deu-me cinqüenta pesos... pensei: "Este faz isso com alguma intenção", mas logo pensei: "Não importa qual seja a intenção, desde que me ajude" Aceitei... fazia-me falta. Então, ele disse:

- Quando vais a Coatepé?

- Não sei quando irei.

Passaram uns quinze dias, uns vinte dias e o encontro:

- Não tens ido buscar lenha.

- Não. Se o senhor me deu um pouquinho de presente, não toda a lenha.

- Ah! Se quiseres, podes pegar mais.

- Depois que acabe, ainda tenho.

- Bom, olha, pega para comprar um pão.

Deu-me vinte pesos... e aceitei. Digo: como rejeitar algo que me beneficia? Não é verdade? Até que chegou o momento em que ele foi direito e eu digo:

- Mas é difícil porque, seja como for, o senhor tem sua senhora.

- Pois é, mas na realidade nós não temos filhos. Nem nisto gasto dinheiro.

- Pois sim. Mas pense também que tenho meu marido, e se um dia ele chega a perceber.

- Mas, quem lhe diria? Tu? Só se tu lhe dizes, porque eu jamais lhe direi. Eu não vou contar a ninguém, tenho a ver com fulana. Nunca se saberá por mim. Tu, não sei se o confiarás a alguma amiga e depois essa amiga te denunciará. Mas, da minha parte, não.

- Tá difícil. Veja, o senhor está mais velho, eu sou uma garota.

Ele estava com sessenta anos, eu, com vinte e oito. Eu era uma garota... mas talvez para mim fosse bom também, não?...

- Bom, aceito, sim.

- Então esse dia em que me convidou, levou-me aos fatos [a ter relações sexuais], e a verdade era que era um senhor velho mas, como homem, valia o que pesava... e muito limpo. Quando saímos dos fatos me levou ao mercado, comprou os legumes e verduras para a semana e me disse:

- Quando precisares de dinheiro, me procura. Não penses que só porque não vais deitar comigo não terás direitos. Quando precisares dinheiro, como subo e desço perto de tua casa, não é preciso pedir abertamente na frente de outras pessoas, mas quando veres que vou descer, diga: "Ouça fulano, empreste-me tanto, que quando tenha, ou quando regresso meu marido, eu devolvo". Ou, quando passe eu digo: "Olha, aqui está o que lhe devo". E ninguém perceberá.

- Tá bom.

E é verdade que este senhor jamais me enganou. Porque quando precisava sapatos, ele não esperava que os pedisse.

- Olha, tem aqui para comprar uns sapatos. Porque vejo que teus sapatos já não te servem. Aí está, compra sapatos.

Ou me dizia:

- Olha, aí está para comprar um ou dois tecidos de roupa.

Ou ele ia comprar e me trazia... não chegava assim abertamente, mas ele deixava por aí, ele sabia onde. Sempre, sempre me ajudou... É a verdade, desse senhor nada tenho a dizer porque ele me ajudou quando mais o necessitei. Tive ele durante doze anos... quando fiquei viúva ele me disse:

- Se queres casar comigo, a senhora que tenho, mando-a embora, porque, de qualquer modo, nem contigo nem com ela nunca teremos família. Mas, olha, sinto claramente que já não vivo bem com ela porque chegam seus netos, sua filha, seu genro e eles destroem o que é meu.

Trabalho, poder e sexualidade

Eu disse não. Porque eu ainda era jovem e ele já estava velho.

- Se quiser casar com você, o que primeiro pessoas vão dizer é que o fiz por interesse, porque terão percebido o que se passou nestes anos todos.

No momento, sentia que o queria, sim... talvez porque me ajudava, ou pelo que a senhora queira, mas sim, sentia que o queria. Meu marido nunca percebeu porque, na verdade, ainda em alguns casos, por algum problema que tinha, me dizia:

- Vai e pede emprestado ao fulano. Diz que quando ganhar te darei para pagar-lhe.

E sempre me emprestava dinheiro e quando ia devolver, ele não aceitava.

- Guarda, fica para ti.

Quando nos deixamos foi pelo simples fato de que, é a verdade, já não queria encontros com ele, porque como homem não prestava [mais] ... mas ele está com noventa anos, já está velho. Dizia-me:

- Não importa que já não possa fazer nada, só tu vires para ficar um pouco comigo, uma hora ou meia hora, tu sabes que terás teu dinheirinho. Só não quero saber que andas com outro...

Então eu pensava: "Ele está velho e eu estou nova". Quando ele percebeu que este outro homem começou a aparecer, aí ele mesmo foi saindo. As vezes ainda sobe ou desce por aqui e, se estou sozinha aí fora, me olha de cima para baixo e acha graça. Um dia lhe digo:

- E agora, por que achas graça?

- Estava velho e por velho tinhas que me deixar. Mas, mesmo assim, queria fazer-te minha esposa, mas tu não quiseste.

- Bom, só se quisesses que te fosse infiel. Se querias que morasse contigo, mas sendo-te infiel, era só dizer...

Nesse tempo só andei com ele. Dava-me o que precisava. Para que queria outro?

Chega a haver amor e também gosto. Porque, é a verdade, tudo se junta... porque eu vivi essa experiência: ter meu marido e ter este outro senhor, e muitas vezes, na semana, recebia mais dinheiro deste senhor que do meu marido. Havia momentos em que gostava mais dele como homem que do meu marido, porque essa pessoa se cuida para cumprir na hora. E um homem jovem não, um homem jovem diz: "Uh!, faço-o agora, faço-o amanhã e faço-o depois de amanhã..." e então, ele não está igual. Essas são as diferenças entre um homem jovem e um homem velho, muitas vezes esse é o problema de um homem jovem.

Com estes homens é melhor que com o marido, porque ela sabe que come, veste e calça, mas sabe que não é preciso lavar, passar, consertar roupas para ele, dar-lhe comida, preparar-lhe a marmitta ou dormir com ele a noite toda ... porque não tens compromisso nenhum, é mais confortável. Ele tem direitos sobre essa mulher porque está cumprindo para sustentá-la, tem direito, sim, de chamar a atenção dela e ela deve dizer-lhe: "vou a tal lugar ou vou fazer isto". Digamos, se a mulher sabe respeitá-lo, e se não, só se entende com seu marido. Também precisa ser-lhe fiel, ele cria um direito, mas até aí ... bater, não pode, porque, quem, a senhora acha, deixaria que um homem lhe bata? Penso que nesta época são poucas as mulheres que deixam que um homem bata nelas. Ninguém será capaz de deixar que lhe dêem um golpe ruim... menos ainda um homem assim, está certo que estará me sustentando, mas não tem comprovante nenhum onde consta que sou dele. Porque é a verdade, comadre, aquele que é casado é como se tivesse marcado com o ferro daquela pessoa, é minha porque aqui está, onde consta que leva meu sobrenome, dei-lhe o meu nome... portanto é minha, me pertence. Porque, pelo menos eu, quando casei no civil, me tiraram o sobrenome

Trabalho, poder e sexualidade

de minha mãe, aí fiquei só Parra de Martínez. O que querem dar-nos a entender é que, daí para frente, alguém é propriedade daquela pessoa, então aquele diz, posso surrá-la pois é minha propriedade, é como se a tivesse comprado. Ora, uma pessoa que não tem obrigação nenhuma, porque poria a mão em cima da senhora? Primeiro, não tem obrigação de sustentá-la, segundo, a senhora sabe muito bem, que não tem direito nenhum de bater.

Sofri com meu marido porque ele era muito bêbado, muito briguento. Não brigava comigo, mas era suficiente que brigasse com outros e quando batiam nele, ele ia tomar satisfação e se batia, sofria, porque ele precisava ir embora. Sofria porque eu ficava só com meus filhos. Quando ele podia, me mandava algum centavo, quando não, não mandava nada. Passava um ano, passavam dois e ele não enviava um puto tostão. Enquanto isso, eu trabalhava nas nossas terras, ou mesmo no canavial. Passei minha vida toda trabalhando no campo, no enxadão, para sustentar meus filhos.

Era um pouquinho mulherengo ... até hoje dizem que por aí anda um filho dele. Por aqui também teve, com outra mulher, uma menina, mas morreu. Às vezes, discutia, mas ao mesmo tempo pensava: "aí vá uma de cal e outra de areia"^{xvi} Esse era o meu pensamento... era melhor não lhe dizer nada. Mas em ocasiões ficava com raiva sim, porque muitas vezes eu tinha que trabalhar com ele, para que no dia sábado, no dia domingo, ele fosse embora com o dinheiro e não me desse nem um tostão. Era quando discutíamos.

- Vou a tal lugar, volto logo. E na segunda-feira seguinte aparecia, bem bêbado, sem o dinheiro.

- Não penses que estou com ciúmes de ti, mas tu não darás meu trabalho de presente para ninguém. Porque se te ajudo

^{xvi} Refere-se ao fato dela também ser infiel.

no trabalho é para que meus filhos tenham algo amanhã, não para que tu o desperdices desse modo.

- Não vou fazer de novo, não vai acontecer outra vez.

Até que chegou o momento em que lhe disse:

- Vou trabalhar contigo, mas vais me pagar como se fosse um ajudante. No sábado me pagas, porque eu ganhei meu dinheiro, assim sim trabalho.

Ele aceitou. Depois trabalhava na roça, no enxadão ou apanhando café, mas sábado recebia meu pagamento,

- Aí esta teu dinheiro.

Nos meus tempos os pais não davam permissão para namorar. Era só pegar alguém com o namorado e lhe davam uma surra. Por isto as garotas iam embora jovens... muitas vêzes alguém o faz por capricho, porque eu, ao menos, quando arrumei meu marido, nos relacionamos durante pouco tempo, mas na verdade estava já cansada de trabalhar e só entregar [o dinheiro]. Dizia: "quando trabalharei para mim... nunca". Porque, mais trabalhava, mais filhos minha mãe tinha, porque vivemos seis, mas, também morreram seis quando eram pequenos. Quando pari meu primeiro moleque, minha mãe ainda estava grávida de outro.

A verdade é que me batiam muito. Uma [vez] me bateram três vezes seguidas porque me pegaram conversando com ele. [Meu pai] me bateu uma noite, deixou-me toda machucada. Mesmo assim, no dia seguinte fui buscar água no chafariz. De tarde, por sorte ou por desgraça este moço voltou a falar comigo e [meu pai] me bateu de novo, porque cada vez que ia trazer água meu pai me espionava, e me batia de novo. No dia seguinte, muito cedo, vou ao moinho, e me bate outra vez, mas essa vez me bateu bem feio, porque bateu com uma vara cheia de galhos secos de café e rasgou minha mão, me fez sangrar com vários golpes. Mas, na hora em que voltou a bater aqui, na outra mão,

Trabalho, poder e sexualidade

peguei-o, quebrei a vara e [ele] pega a bainha do facão e com ela me bate nas costas e nas pernas. Então, zangada, grito.

- Pois para que percam a braveza, vou me embora com ele e se vocês não o querem, eu o quero...

Tinha dezesseis anos. Vou para a casa da senhora onde estava trabalhando, à tarde fui pegar água no poço e [ele] me disse:

- Estás vendo, estou te dizendo para vir comigo e não queres vir.

- Eu vou embora contigo, sim, agora mesmo.

- Vens embora comigo agora?

- Sim, espera por mim aqui. Vou pegar minha roupa em casa.

- E como farás para tirar a roupa?

- Eu me viro. Agora meu pai não está.

Chego à casa e digo a minha mãe:

- Sabe, mãe, vou levar minha roupa porque vou lavá-la na casa da dona Urbana... Jogo toda minha roupa numa tina, com meus sapatos por baixo, boto uma sacola de plástico por cima. [Ela] me diz:

- Mas levas muita roupa para lavar.

- É que estava toda suja porque não a tinha lavado.

- Grande preguiçosa, porque não a lavaste?

- Porque não tinha vontade, mas agora vou lavar.

- Ah bom! Não te demores muito porque teu pai não demora a chegar. Estás vendo que ele está te espionando.

- Sim, veremos quando me pegam.

Essa foi a resposta... não voltei. Me levou para Xalapa... vim parar aqui, na casa da mãe dele, uns vinte dias depois. Passaram-se uns dois meses e fomos à casa, pedir perdão e não me quiseram perdoar. Meu pai disse que não me perdoava.

Vivi uns três meses com minha sogra mas foi muito ruim para mim. Pelo simples fato de que não conseguimos nos acertar

porque ela era muito geniosa e todo mundo gostava de bater nela e eu não achava certo que descontasse nos outros. A briga foi porque uma vez ela foi bater na minha tia porque, mesmo depois de fazer suas sem-vergonhices, porque estava seduzindo meu tio, foi bater nela. Então percebi e me emputecei, com perdão da senhora, me emputecei e bati nela. Minha sogra vivia com meu sogro mas se dedicava a tirar o marido das outras. Era seu costume e além disso, os filhos eram atribuídos ao marido, fossem ou não dele, eles nasciam nesse lugar e por aí ficavam. Meu sogro sabia disso e não cobrava nada, até que se cansou e a abandonou; o que ele fez foi sair da casa e deixá-la com as crianças. Ela não disse nada porque sabia muito bem que tinha culpa e ela continuou do mesmo jeito....

Na casa dela eu é que fazia tudo, porque ela ia embora, só esperava que meu marido e o dela saíssem para a roça, tomava banho, se ia e me deixava com toda a carga das crianças, os afazeres e não voltava até as duas, três da tarde. E ainda incomodada porque:

- Isso não está bem feito.

- Senhora, pois o faço mas os moleques desarrumam... agora, além disso, eu vim para servir seu filho, não a senhora. Sou mulher de seu filho, não sua criada.

E com meu marido sofria desde o começo, porque bebia muito, agüentei apenas três meses. A mãe dele, em vez de lhe chamar a atenção, tinha medo dele. Ele tinha a mesma idade que eu, dezesseis anos, mas desde moleque era bêbado. Como não achei certo digo: "bom, [por]que tenho que sofrer, o que queria era ficar independente de minha família porque antes trabalhava e tinha que entregar na minha casa todo o dinheiro... agora vou embora e trabalho para minha bolsa, não para eles".

E uma manhã esperei que fosse trabalhar, porque nem discutimos nem brigamos por nada, então me levanto cedo, preparo sua marmita, limpo bem minha cozinha, dobro toda sua

Trabalho, poder e sexualidade

roupa e vou embora no primeiro ônibus que subia às seis da manhã, para alcançar o trem das sete... peguei o caminho e me fui.

Em Veracruz fui trabalhar... durante todo um ano não voltei a ver a cara dele nem da minha família. Não procurei homem, andava sozinha. Trabalhava e gostava de ir aos cinemas, andava pelo calçadão, pelas praias. Um dia ele foi me procurar e disse:

- Venha comigo, vou me comportar, de verdade.

- É que, na verdade, tua mãe não me quer, nem teu pai. E pois não vou embora assim, assim simplesmente, não, porque se antes não pedi para casar, agora sim. Vou, mas teus pais vão falar com os meus e casamos, pelo menos no civil. Porque então será castigado quem tenha culpa e não cumpra... e se não for assim, não vou. Aqui estou trabalhando muito bem, e te diria para voltar para tua família.

- Sim, vou, mas vai. Vai, que em quinze dias minha mãe e meu pai vão.

- Ah! Bom.

- Então venho, chego na casa, pensei que meu pai ia me por para fora. Mas não, como cheguei só, ele me recebeu bem na casa. Só disse:

- Está vendo minha filha, eu avisei, mas tu querias sondar, querias a amostra.

- Olhe pai, queria ficar independente dos senhores porque todo este tempo trabalhei para mim, não para os senhores, para me vestir e me calçar, mas segundo meu gosto, minha vontade. E antes, veja o senhor, o que eu ganhava tinha que entregar aos senhores e agora não.

- Ah! Então tu estavas aborrecida com a gente.

- Pois a verdade é que estava, sim, e ainda lhes trouxe uns centavos...

- Ah!

- Mas vim porque vou voltar a juntar-me com ele, mas vou casar, pelo menos no civil. E sim, foram, sim. Então casamos em 1970, no civil, e já não voltei a morar com seus pais, me deixaram um quartinho onde morava sozinha com ele. Aí fiquei grávida do primeiro filho que tive. Estava com cinco, seis meses de gravidez quando tivemos um problema com a mãe dele, porque as paredes eram a única divisão. E pois, para mim era fácil em Veracruz, fui embora de novo, não me importou estar casada no civil, voltei a sair. Mas oito dias depois ele foi me buscar, então sim lhe disse:

- Sabe o que? Não vou, para sua casa, não vou. Se queres viver comigo, ou se me queres de verdade, fica aqui. Procuraremos casa, trabalhamos os dois e aqui ficamos, mas para lá não vou.

Então, não sei se me queria de verdade, porque preferiu conseguir casa por lá e ficamos os dois. Ele começou a trabalhar como servente de pedreiro e eu como empregada doméstica e íamos juntando o que íamos ganhando. Quando ia dar à luz, vim para cá, nasceu meu primeiro filho... tinha dois meses quando morreu, fiquei sem criança e fomos embora outra vez. Lá estivemos juntos, trabalhando, até que lhe disse:

- Acho que quem casa quer casa. Podem te dar um sítio, teus pais têm muitos e nós estamos fazendo sacrifício, trabalhamos os dois.

- Nem, imagina.

- Não diz isso, pensa que é preciso trabalhar e fazer algo.

Numa das vezes em que voltei à minha terra, pois eu era sempre mais atrevida, disse a meu sogro:.

- Ele me disse que o senhor ia lhe comprar uma casa. Sabe o que? Junto da minha sogra não vou morar, porque em algum momento voltaremos a brigar, voltarei a bater nela e isso não tem sentido. Aqui, do lado dela, não quero. Porque o senhor não lhe deixa [o sítio] lá embaixo e nós fazemos a casa.

Trabalho, poder e sexualidade

Porque já tinha batido na senhora. Uma vez, brava, tinha lhe dado uns tapas. Ele soube mas nunca ficou do lado da mãe, ele disse que acertássemos as contas com a mãe como pudéssemos.

- É que, veja, ela está velha, eu estou jovem e em algum momento vou lhe dar um golpe feio que vai machucá-la.

- Não, debes evitar machucá-la. Quebra-lhe o nariz ou a boca, mas evita destruí-la com um golpe.

Por isso adverti meu sogro.

- Ah! Não queres morar junto da tua sogra.

- Não, nem junto da minha sogra, nem junto da minha mãe. Porque, assim, o dia em que brigarmos e nos surrarmos um ao outro nem minha sogra percebe, nem minha mãe percebe, estamos longe de uns e de outros.

- Ah! Bom, pois fala com ele e se querem lá, deixo aquele sítio para vocês.

- Mas com tudo, e com o cultivo de café.

- Sim, com tudo e a propriedade, aí as deixo para vocês.

- Sim para que com o cafezinho que apanharmos comecemos a fazer algo.

E assim foi. Trabalhando fora, nós tínhamos juntado cinco mil pesos, naquele tempo era muito dinheiro e digo:

- Sabes o que? Penso que esse dinheiro dá para construir uma casinha. Deverias ir fazê-la enquanto eu fico, continuo trabalhando, para que quando voltes chegues direto na minha casa.

E sim, ele veio e construiu esta casinha.

Vim. Minha sogra e eu não nos falávamos... cheguei e me disse:

- Já vieste?

- Já. Vim tirar minhas coisas. Vou para minha casa. E não quero ver a senhora na porta da minha casa, porque o dia em que a senhora for lá a botarei para correr. Assim como a senhora se

sentiu orgulhosa porque estava na sua casa, assim vou me sentir entrando na minha. De modo que nunca lhe ocorra ir lá...

- Não irei à tua casa porque não quero, mas é a casa do meu filho.

- Não é de seu filho, pergunte-lhe, está aqui. Ouve, tua mãe diz que a casa é tua. A casa é dos dois porque a trabalhamos [fizemos] entre os dois, não apenas tu. Que não seja pentelha a santa velha.

- Cala, não liga.

Nesse momento tiramos tudo e trouxemos para cá. Assim que chegou, me deixou e voltou a trabalhar em Veracruz. Uma vez que pari a menina, fiquei três meses, fechamos a casa e fui novamente para Veracruz, para continuar trabalhando. Voltei quando estava para nascer minha segunda filha. Nasceu e voltei outra vez a Veracruz, mas não trabalhei mais porque, com as duas meninhas, não podia. Como a terceira nasceu um anos depois da segunda, voltei para cá e então não fui mais embora.

Ele ficou em Veracruz e eu me dediquei a trabalhar apenas no campo. Minha mãe cuidava de minhas meninas, eu me encarregava de cuidar e de trabalhar a parcela de terra.^{xvii} O direito estava no nome do meu marido, mas meu sogro era quem se beneficiava. Nós tínhamos a parcela mais como seguro. Assim era o costume, eu trabalhava e não recebia nem um tostão daí. Um dia lhe disse:

- Se teu pai vai nos dar a parcela de terra, que a dê definitivamente porque não tem sentido estar trabalhando para ele.

-Olha, tem paciência. No dia em que ele faltar, nesse dia a parcela estará definitivamente em meu nome. Muitas vezes é preciso ter paciência.

^{xvii} Refere-se às parcelas de terra que compõem o "ejido", forma de propriedade comunitária da terra entre os camponeses mexicanos. As parcelas são transmitidas por herança, normalmente por via masculina. No entanto, essas terras não podem ser vendidas nem compradas.

Trabalho, poder e sexualidade

Sim, faleceu e então os benefícios foram nossos... e quando meu marido morreu, fiquei com a parcela de terra, o carro e a casa.

Vivi dezoito anos com ele, até que morreu... bom, o mataram por briguento. Há pais que ajudam as filhas quando elas sofrem, os meus nunca. Eles diziam: "isso queria, isso tem". Há de tudo... veja, a primeira vez que tive as regras, me assustei e contei às minhas amigas que eram mais velhas, mas nunca disse uma palavra para minha mãe... nesses tempos ninguém dizia nada dessas coisas para a gente. No dia em que fugi com o defunto, não sabia o que aconteceria... porque, não é mais que a verdade, desde que éramos namorados, nunca deixei que me abraçassem e beijassem, conversava com ele, mas à distância, não como se costuma fazer agora que uh! Para cá e para lá. Quando cheguei com ele no hotel onde ele me levou, eu dizia: "bom, para que me trouxeste aqui? Pensei: "vai pedir um quarto com duas camas, uma para ele e uma para mim." Nunca imaginei o que ia acontecer, mesmo quando vi que tirou suas roupas e se deitou.

- Tira tua roupa e deita-te.

- Ah, não! Como tu achas que vou deitar junto a ti. Não, se fosses da minha família talvez, mas tu não és da minha família.

- Mas pensa que és minha mulher.

- Mas tua mulher, por quê?

- Desde que saíste de tua casa comigo és minha mulher.

- Bom, pois serei tua mulher para preparar tua marmita, para lavar tua roupa... mas para dormir juntos, não.

- Ah! E tua mãe e teu pai não dormem juntos?

- Sim, dormem juntos, mas acho que é porque já estão velhos.

Pois não vão acreditar em mim, comadre, até conversei com minha mãe, que passaram oito dias e não tinha feito nada comigo, porque eu não deixava. Me fez mal porque me deu um comprimido para dormir. Eu sinto que foi isso... Saiu uma noite e me trouxe um fresco.

- Tem gosto ruim.

Martha P. P. Juménez

- O que? Não, não tem gosto. É que tu também não conseguiste dormir e agora com este refresco vais dormir tranqüila.

Ai! Quando acordei comadre... estava com uma hemorragia... Ai! Tinha uma dor e urrava de dor.

- O que você fez comigo quando peguei no sono? Alguma coisa tu puseste no meu refresco para que dormisse. Tratei-o tão mal quanto pude. Arranhei-o.

- Pois se não faço assim... tu terias ido embora... porque agora sim tu já és minha mulher, agora sim, tu já foste minha.

- Mas o que me fizeste que desce tanto sangue?

Precisou me levar ao médico porque me levantava da cama e eram jorros... me deram um remédio e fiquei em repouso uns três dias até que sarei. Daí teve que me cuidar uns três ou quatro meses. Depois lhe dizia.

- Sinto medo, me dá medo.

- Mas porque sentes medo se a primeira vez o fiz sem que percebesses, não é verdade?

- Pois por isso mesmo, por que o fizeste.

- Porque tu, por própria vontade talvez não ias querer nunca.

- Canalha.

Porque no cinema já tinha visto muitas dessas coisas, ou nas revistas, porque eu gostava muito de ler, e já tinha percebido... mas numa pensei que fariam isso também comigo.

Então lhe dizia:

- É que me dá muito medo porque dizem que uma mulher que se deita com um homem depois tem filhos e por onde eles saem?

Ele só achava graça e me dizia:

- Hum! Pois é o caso de todas as mulheres, assim, não vejo porque te espantas.

Trabalho, poder e sexualidade

Eu não sabia por onde sairia a criança porque só o tinha visto nos filmes e era isso o que me espantava e dizia: "Ai, meu Deus! Como se fará isso?" "Ai pai Jesus! Pois se a gente tem a coisa tão pequena para que passe uma criança"... Era o que me assustava. E acho que tanto a sorte como Deus me ajudou pois quando tive o primeiro moleque comadre, nem sofri, sem anestesia, natural.

Minhas filhas já pegaram outra época. Expliquei tudo a elas desde que estavam com dez anos, comecei a abrir-lhes a inteligência e veja que agora nas escolas também lhes abrem os olhos. Não há mais necessidade de dizer-lhes diretamente, senão que elas vinham e me perguntavam.

Como a coisa do aborto... Elas já estão sabendo que se não querem ter filho não devem engravidar. Que se cuidem a tempo e que não cometam esses erros. Muita gente diz que uma mulher que aborta torna-se chorona porque não gosta de seus filhos... nunca, em toda minha vida vi o que é ser chorona. Tenho ouvido de outras pessoas.

- Ontem se ouviu a chorona. Vimos a chorona.

Quem sabe, porque nunca a ouvi nem a tenho visto. Sonhei com ela uma vez dormindo, dormindo sonhei com ela... Dizem também que o relincho de uma mula é o mesmo grito de uma chorona... a mula não pode ter filhos e a chorona sim os têm, mas os come, os tira. Muitas os jogam no rio e outras os enterram nas bordas dos montes, mas, de qualquer jeito, dizem que viram choronas. Desde garotinha tenho ouvido esse dito, porque, em muitas ocasiões, meu pai nos contava que a ouvia, porque lá na frente de onde vive minha mãe há uma ribeira e havia uma poça onde lavávamos, aí tomávamos banho e às vezes muitas pessoas diziam:

- Ei você! Não ouviu ontem à noite á chorona?

- Não.

- Mas se estava aí, demorou bastante aí. Esteve estendendo roupa aqui, esteve lavando neste tanque, depois tomou banho e se foi. Fiquei olhando.

Desde então as pessoas diziam que as mulheres que abortavam tornavam-se choronas. Porque perto da casa da minha mãe morava uma mulher e, segundo diziam, essa tinha cometido vários erros e essa era a que era vista ali. Dizem que até hoje fazem chás para abortar... devem ser amargos. Quando era muito garota vi uma mulher que abortou só com melhoral e cerveja quente. Essa mulher que cometeu esse erro era de minha família, era uma tia minha. Uma noite sonhei que ela estava na ribeira, vi que era minha tia e no dia seguinte conto isso a minha mãe.

- Mãe, você acredita que ontem sonhei com minha tia? Mas a sonhei chorona.

- Hum!

- E sabe o quê? Começo a acreditar que é ruim, sim, tirar os filhos.

- Por que?

- Porque ela botou fora um, em Veracruz.

- E quem te disse isso?

- Eu percebi mãe, vi porque fui desenterrar onde estava a criancinha.

Os moleques agora são o diabo, não acreditam em nada. São outros tempos.... olha, quando me juntei com esse senhor que tenho agora, meus filhos não se incomodaram, não houve problema nenhum... os filhos dele também não, até hoje vêm vê-lo aqui.

Depois que enluvei estive só durante um ano e meio, sem homem. Mas, mais que a verdade, este novo senhor com quem vivo, o aceitei porque estava aborrecida de trabalhar. Estava aborrecida de ir à roça. Agora vou à roça sim, para ver meu sítio e meu canavial, mas não é o mesmo, ir dois ou três dias na semana que diariamente... então foi isso que me fez arrumar outro senhor. Uma vez que vi que era trabalhador, que tomava

Trabalho, poder e sexualidade

conta das terras e cuidava delas como é preciso. Não sou casada com ele, vivemos apenas numa união livre porque ele é casado, tem sua mulher e seus filhos. Começou a trabalhar comigo porque eu estava só e era o tempo de apanhar café, então, nesse momento a gente precisa de um homem que carregue os sacos até os carros. Um dia estava apanhando café num sítio que tenho junto do barranco, ele passou e me disse:

- Ouça senhora, por acaso a senhora não tem algum trabalho?

- Veja, tenho trabalho sim mas lhe advirto que só se sua esposa não for ciumenta, porque tenho tido problemas com outros empregados, porque suas mulheres dizem que ando com seus maridos e isso não é verdade.

- Não, não haverá problemas por isso.

- Ah, bom!

- É que, veja, tenho vontade de trabalhar.

- Pois se quer ir, vá amanhã.

Nesse tempo, ia trabalhar com os empregados, vestia minha calça, minha camisa, montava minha mula e ia até onde eles estavam. Ficava ali até a noite. No dia sábado, eles vinham cobrar seu dinheiro em minha casa, e eu os convidava para um fresco, um café ou a janta, e iam para sua casa de noite. Por este simples fato as mulheres diziam que andava com seus maridos... pois as pessoas começaram a dizer o mesmo, que ele era o meu querido porque não ia embora até a meia noite, mas não era verdade. Estava aqui com minhas duas garotas e comigo, e ele se punha a conversar e era uma, duas da manhã, assistindo televisão e conversando. Então, uma vez que fomos a uma festa em Xalapa, bebí demais e então, ao sair daí... veja, um homem aproveita as oportunidades... aí foi o caso que começamos... fomos acabar em outras partes e desde aí começou. Depois de um tempo, uns dois ou três meses, tivemos uma conversa e então lhe disse:

- Bom, tu bem sabes que um empregado, se tem dois patrões, fica mal com um e bem com o outro. O mesmo acontece com um homem que tem duas mulheres, se fica bem com uma, fica mal com a outra. Assim, tu decides: lá na tua casa ou aqui, mas nas duas partes não. Não te exijo dinheiro para me manter porque não é tua obrigação, a obrigação de me manter é minha e de manter os meus filhos também. Tua obrigação é manter teus filhos e tua mulher, porque por preguiça nunca vai dizer: " vou sair para trabalhar".

- Bom, pois vou pensar nisso.

Uns oito, quinze dias depois, me disse:

- Sabes o quê? Decidi que é melhor vir para cá.

- Bom. Virás para cá comigo, mas não quero que uma ou duas noites na semana digas, não, vou para minha casa, porque o dia que fores ficar na tua casa, melhor vai embora definitivamente. Assim não, leva-lhes dinheiro no dia domingo, vai e deixa com eles, porque, desgraçadamente é uma mulher que não sabe nem se manter; leva-lhe dinheiro para que se sustentem, mas ficar você na casa, sinto muito, mas isso, não.

E assim foi. O tempo todo ele sustentou sua mulher e seus filhos... está bom, porque no dia de amanhã não gostaria que um homem abandone minha filha e deixe-a pobre, até sem dinheiro. Ora, se precisasse que me sustentasse então, não teria jeito, teria que me sustentar, mas graças a Deus não preciso, porque com o que dá o cafezinho, a cana e a pensão mensal do Seguro do defunto me viro bem. Além disso, crio meus animaizinhos, meus porcos, pois é assim que me ajudo.

Quando ele trabalha no meu não lhe pago, isso fica na casa, mas como ele também não ganhou nem um tostão... não sei como fará para que comam lá na sua casa, mas esse não é problema meu. Mas quando trabalha para outros, não põe nem um tostão aqui. Eu pago luz, água, dou-lhe sua comida, sua

Trabalho, poder e sexualidade

marmitta, lavo, passo para ele... quer dizer, eu o sustento. Eu sustento a casa e às vezes ele dá uma ajuda.

Às vezes tenho vontade de trabalhar como empregada doméstica, numa casa... Havia trabalho aqui, na Coca Cola, mas não posso porque não me dá tempo. Porque se vou trabalhar deixo de atender também muitas coisas da roça que são minhas, que a mim me cabem. Porque quando chega o corte de cana preciso vigiar que não deixem a cana jogada, que carreguem bem o que resta, que fique tudo bem feito, ou verificar qualquer trabalho.

Se estão limpando, é preciso ir olhar que fique bem limpo, pois tem que adubar. Então, nesse tempo, não ia ter chance de sair de onde estivesse trabalhando, durante uma semana ou duas. Se chega o tempo de apanhar café, pois então me dedico a isso, a apanhar com as pessoas, para tentar tirá-lo e vendê-lo, então digamos que em momento nenhum poderia ir trabalhar numa casa. Porque iria trabalhar um mês, mas, no mês seguinte, penso em fazer um trabalho na roça, tenho que sair e ir para a roça... então não posso.

Já estou há cinco anos com este homem... e, acredite, às vezes me aborreço, às vezes acaba com minha paciência. Quando ele ganha, leva uma parte para sua mulher e seus filhos e outra parte fica aqui, mas também, quanto tempo passa sem que dê nem um centavo? Às vezes o que me abate é que digo que, pelo menos, não tenho mais a obrigação de ir à roça, porque agora me dá algo parecido com preguiça, com nojo, peguei nojo do enxidão, como se já estivesse cansada, aborrecida. E, com ele, só digo:

- Olha, vais fazer isto para mim em tal parte.

E eu sei que vai e faz, e não preciso pagar-lhe. Quando chega o tempo de limpar o canavial.

- Tu Pedro, vais limpar, vais fumigar. Tenho um homem que toma conta do trabalho da roça, disso sim não me queixo.

Semear o milho, ele vê como fazer para limpar, para fazer o trabalho e tendo colheita há comida.

Na verdade, sinto que o quero, digamos que pelo seu próprio comportamento, porque não tem vício nenhum, isso é um ganho dele: não bebe e não é briguento. Porque quando está magoado, não começa a brigar ou me maltratar. Se ele trouxe alguma coisa para comer e o menino comeu, não importa quem comeu, se sobra para ele, está bem, e se não, ele não fica perguntando depois:

- Bom, e quem comeu aquilo que eu trouxe?

Digamos que, pois, foram essas coisas que me fizeram querê-lo... até aí não me queixo. Que é como ele diz:

- Eu tampouco tenho direito a levantar a voz aqui porque não estou na minha casa. Aqui, o dia em que tenhas vontade, estalas os dedos e me dizes: "vai embora". Por isso, aqui, quem deve estar sempre humilhado sou eu, tu, em momento nenhum tens porque te humilhar, porque estás em tua casa.

- Pois é verdade. Se tu achas e se não, vê o que queres fazer.

Digamos que talvez seja por isso que ele nunca levanta a voz. Esta situação é conveniente para mim porque nunca tenho alguém que me jogue nada na cara, porque tenho liberdade de ir onde tenha vontade e ele não poderia me dizer nada. Porque como lhe disse: eu sustento aqui, e tenho que cuidar que não falte nada nesta casa, mas tenho, também, a liberdade de ir onde queira ir.

- Quando tu me sustentas ou quando eu more sob teu teto, talvez sim tenhas direito de me dizer: "pois não vais fazer isto"... mas, por enquanto, não.

A esposa dele brigou comigo uma única vez. Foi uma vez, que ele me disse:

- Vai buscar uma mula que está no meu terreno.

Trabalho, poder e sexualidade

- Acho que não vou, pois se encontro tua mulher e ela me diz alguma coisa vou quebrar-lhe a boca.

Porque, da minha parte, estou lhe tirando um marido, mas não a comida. E, também, se o fiz, foi pela má atenção que ela lhe dava, não porque eu quisesse. Então essa vez fui até lá e ela estava com sua filha e começou a me maltratar.

- Sua cadela provocante.

- Sabes o quê? Cadela provocante... sinto muito, mas não sou, porque nunca fui comer o que tens em tua cozinha; em segundo lugar, nunca comí o trabalho de teu marido... cadela preguiçosa que dependes de que te sustentem. Porque se eu estivesse na tua pele, sinto muito, mas iria trabalhar e ficaria sozinha. Mas se não fosses tão tola e aborrecida, tão porca, teu marido nunca te teria deixado. Se te deixou foi por causa de tua sujeira e de tua preguiça, não porque tenhas sido uma mulher limpa e asseada.

Não me respondeu nada, ficou calada. Então eu vim e contei a ele.

- Olha, tua mulher me disse isto e aquilo e não quero problemas. Assim que, por favor, faz algo tu também, e chama a atenção dela porque isso não está bem. Ela tem filhos e eu também e não tem sentido que um dia eles tenham problemas por culpa do marido, quando não há motivos.

Se algum dia tivéssemos que nos separar, por algum motivo, acho que não procuraria outro homem. Não mais, porque seria como estar sempre começando, é como estar sempre semeando uma planta e ver que ela se reproduz ou ver que ela se compõe e quando já está boa a levaram. Porque não é mais que a verdade, quando ele chegou aqui, estava fodido... em primeiro lugar, não trazia nada e, em segundo, era um homem magro, magro, magro, estava lascado. No entanto, agora o homem se repôs, está gordo, cheio de vida, está bom, sadio e gosta de trabalhar. Ele rejuvenesceu, não está mais como estava...

Assim, não teria sentido voltar a procurar outro que estivesse na mesma e voltar a fazer o mesmo... o que acontece é que estou nova... mas, um caso que aparecesse por aí, verdade? Seria mais fácil do que estar aqui com um compromisso... melhor, cada vez que estivesse com vontade, pois procurava um caso por aí e pronto.

Que posso lhe dizer comadre, não é tão fácil aceitar um homem, assim, sem mais, sem amor, sinto que um homem, sem amor, não o aceito, apenas por dinheiro não o aceito... Porque veja, quando fiquei viúva era jovem, estava com trinta e três anos, e uma tia que tinha me disse:

- Minha filha, ficaste viúva e bem jovem, não penses nunca em arrumar outro homem que isso é um descuido feio. Para comer carne não necessitas ter marido, quando sintas desejo de um homem vais a Xalapa, vais a Veracruz e desfrutas do que desejes, voltas para tua casa e não tens compromisso nenhum.

Então veja, não é mais que a verdade, eu quis provar isso, antes de arrumar este homem. Encontrei um homem em Xalapa, era um homem de dinheiro e falou comigo num armazém onde estava comprando, aí me encontrou. Propôs-me o que me propôs e eu lhe disse:

- Vais me dar tanto.

Aceitou. Quando saí desse lugar, saí com vontade de vomitar, saí com nojo. Cheguei aqui, tomei banho, lavei minha boca de tal maneira... tomei banho, bem banhada, passei loção, passei álcool no corpo porque sentia repugnância dessas carícias, porque a verdade é que não as desejava... Por que? Pois porque não, senti que não, então digo não... é a verdade, não gostei da carícia vendida.

Ao contrário, quando comecei com este homem, o que tenho agora, senti que este sim, me satisfazia, estava como gostando, sim, de suas carícias, como que sim, o desejava e, pois,

Trabalho, poder e sexualidade

mais quanto mais tempo passou. Não é mais que a verdade, o quero, sim, tenho lhe dito isso:

- Quero-te bastante, quero-te muito. Mas o dia que queiras ir embora, não me oponho, podes ir, sei que vou sofrer, mas podes ir.

Penso que ele sente por mim o mesmo amor que sinto por ele. Porque ele não me disse isso, disse-o a outra pessoa: "quero esta mulher como nunca quis outra, porque tive esposa mas nunca senti este amor."

Ele tem sua mulher na casa de seu pai e o povo não diz nada, porque não sou a primeira, somos várias e eu não me meto lá, nem ofendo, nem lhes tiro nada.

"Porque no soy la primera, habemos varias"^{xviii}

Desde que soy niña las mujeres trabajan en el campo. Mi mamá trabajó muchos años en el campo, desde los nueve años hasta los cuarenta...trabajaba en las tierras de mi abuelo y parte en lo ajeno. Hacía de todo, lazadón, cortar leña, cortar café. Vaya, cuando uno se dedica al campo hace de todo menos cortar caña.

Empecé trabajar en el campo desde que tenía once años, lazadón, a botar abono o limpiar en junta. El que me enseñó fue mi papá, porque mi papá desde que estaba uno chiquito, como de la edad de unos seis o siete años ya nos llevaba al campo. Aquí se acostumbra de que casi más la mayoría buscaban mujeres porque le pagan menos que al hombre y si es posible trabajan más que un hombre. Desde que era chamaca y trabajábamos en Lo de Falcón^{xix} a nosotros nos pagaban cinco peso, cuando a los hombres les pagaban nueve peso, trabajábamos más y nos pagaban menos. Porque nosotros las mujeres trabajábamos de siete de la mañana a cuatro de la tarde, sin embargo los hombres trabajaban de las siete de la mañana a dos de la tarde. Por simple hecho que por que dicen que un hombre trabaja más duro que una mujer...pero aparentemente, si se pone uno a trabajar como un hombre, una mujer que sí le jale bonito alzado, trabaja más la mujer que el hombre. Nosotros, entre mujeres los vimos en las tareas, nos íbamos al cañal y muchas veces terminábamos nosotros primero que los hombres. Aquí, ese es el costumbre, de que vaya a ver a julano mejor voy a ver a julana, porque sé que a ella le voy a pagar menos y me trabaja más. Hasta la fecha se le sigue pagando menos a la mujer, porque orita una mujer si va

^{xviii} Esta historia de vida, originalmente, forma parte de mi libro Amazonas Apasionadas, PREMIO DEMAC 1993-1994, EDITORIAL DEMAC, MÉXICO, 1994. AGRADEZCO AL CENTRO DE DOCUMENTACIÓN Y ESTUDIOS DE MUJERES A.C., HABERME PERMITIDO SU INCLUSIÓN EN ESTE ARTÍCULO.

^{xix} finca cafetalera propiedad de la familia Falcón.

Trabajo, poder y sexualidade

trabajar al campo le dan diez mil once mil peso y el hombre gana quince.

Es normal aquí que una mujer trabajé al campo. Desde que llegué a edá de unos siete ocho años, que nos vamos a cortar café pa que se enseñen, si es posible se la lleva el papá con el azadón.

- Mira hija aquí ponte a empezar a azadonear las matitas de café, pa que te vayas enseñando.

Es como si yo como mamá les diría: "mira, ponte a lavar estos trapos para que te enseñes a lavar, pa que te enseñes a pasar jerga".

Mi papá nunca me dijo:

- Este es trabajo de hombre, éste es trabajo de mujer.

No. Su decir de él era: "Lo mismo que hace un hombre lo puede hacer una mujer, namás que porque la mujer se diferencia en que tiene menos fuerza que un hombre". Pero si el hombre puede trabajar en el azadón la mujer también, si la mujer puede andar regando abono el hombre también. Lo único que una mujer no puede, es cortar caña y aún si podría cortarla, no puede cargarla porque es muy pesada y como hay que subirla a los carros...es más costoso.

Tenía como cinco años, cuando ya ayudaba a mi mamá a barrer - porque pus antes no había nada de piso estos, más que pura tierra- a lavar trastes, a regar patios, a regar plantas, a echar una tortilla. Cuando tenía ocho años me mandaron a una casa a cuidar un bebé, de pilmama, entons ai trabajé como un año, después me salí de ai y me fui a Veracruz también de pilmama, allá duré dos años. Tenía ocho años cuando me fui a Veracruz, regresé cumplido los diez años, entons me vine y entré a trabajar al campo, a lo ajeno. Todo el dinero que ganaba lo entregaba a la casa porque mas que la verdá en todo el tiempo que trabajé siempre me vestí de regalao, ropita que me regalaban a donde trabajaba. Ai me regalaban ropa, me

Martha P. P. Jiménez

regalaban zapatos, vaya, yo no gastaba en cuestiones de mis gastos, porque pos ai me ayudaban.

De escuela poco sé. Fui hasta segundo año de primaria, medio día iba a la escuela y medio día iba al campo a trabajar, porque saliendo de la escuela me iba a alcanzar a mi mamá a donde ella andaba trabajando. Muchos deseos tenía de seguir estudiando, pero mi papá ya no podía seguirme dando el estudio porque éramos muchos de familia y era poco lo que se ganaba.

Antes de empezar a salir a trabajar al campo, cuando tenía siete años me tocaba lavar, planchar, hacer de comer, echar mis tortillas, cuidar a mis hermanos más chiquitos y esperar que mis papás regresaran de trabajar. En una ocasión, se me voltió la olla de café encima y me quemé la barriga, que si no hubiera sido por una vecina que estaba ai, me hubieran encontrado chillando hasta que llegaran ellos. Es que antes no había nada de estufa de gas, puro bracero de leña, entonces como el bracero estaba en alto, me tenía que subir en una silla, y a la hora de bajar la olla de café se me voltea pacá y me voy atrás con todo y silla y se me viene el café en la barriga. La vecina me ayudó, me quitó la ropa y me untaron polvo de café con manteca, me untaron bien, cuando llegó mi mamá ya me habían curado...pero aún al otro día, así se fueron y así me dejaron.

Cuando empecé ir al campo me juntaba con amigas, se hacían cuadrillas de mujeres...empecé andar trabajando con Doña Lupe y su hija, trabajábamos en lo de Falcón. Entraba uno a la cuadrilla sin saber nada, ai aprendía uno, porque no tiene ningún trabajo llegar a la finca y ver como empieza aquella y hacerle uno lo mismo. Tenía uno que irse de aquí a las seis para estar allá a las siete de la mañana, en lo que caminaba uno para entrar a las siete, y salir a las tres de la tarde, a las cuatro.

El trabajo es pesado, pero fíjese que el campo es muy bonito, porque más que la verdá; se distrae uno bastante

Trabajo, poder y sexualidade

aunque vaya uno a trabajar, come uno tranquilo y pus vaya, creo serán las costumbres de uno, porque yo, si estoy aquí en la casa me aburro, me choco...aunque sea un día o dos de la semana, me tengo que ir al campo porque aquí me aburro.

Trabajé desde chamaca en eso del campo, trabajé en casa particulares, después, ya casada con mi marido, trabajé ayudándole de peón de albañil. Porque al menos cuando hicimos esta casa, él no pagó peones, el peón fui yo...si tú quieres bien embarazada de mis hijos y aún así trabajaba. Mi marido tampoco nunca me dijo que estos son trabajos de hombre, él siempre me decía:

- Bueno creo que sí puedes. Si estás un día en azadón ¿cómo no vas a poder hacerte una poca de mezcla aquí? Te voy enseñar como se va cer, cómo se da cepillo, como se pega un blo^{xx} y veras cómo te vas enseñar.

Y gracias a Dios comadre, pos será que siempre le puse inteligencia, sí me pongo a revocar una parte que no tiene revoque y sí puedo. Me pongo hacer mezcla pa hacer un lavadero y sí puedo hacerlo...a mi por ese lado no se me dificulta nada.

Cuando era chiquita las señoras y las muchachas trabajaban más al campo que irse destinadas. En primera, porque las señoras de más antes casi no saben leer, no saben de letras y cómo se iban a ir en los carros si no sabían leer. En segunda, que casi no había servicios de carros, a estar viniendo a cada rato como orita, antes no había dos corridas, una en la noche y una en la mañana, eran las únicas, no había más. En el campo, orita a esta época, entran a trabajar a las siete y salen a las tres y el marido las deja ir pues en verdá aquí ya así es el costumbre. Aquí ya es el costumbre, que aunque sean casadas,

^{xx} block, ladrillo.

nomás al ver que casi no les alcanza lo que gana el hombre dicen.

- Si me dan trabajo pal campo, me voy.

También aquí ya es un costumbre buscarse un hombre que te ayude alevantar a tus hijos aunque tengas marido...en realidá aquí casi la mayoría. Y desde que era chiquita Mira, no vamos muy lejos, en mi familia, mis abuelas tuvieron hijos de diferentes maridos ¿A ver dígame usted por qué? Mi abuela por parte de mi papá tiene hijos que se apellidan Martínez, tiene otros que se apellidan Oropeza y tiene a mi papá que es Parra...o sea que eso tiene años. Algunas lo hacen porque el marido es irresponsable y la mujer tiene que ver cómo le rasca, algunas, y algunas aunque todo lo tengan pero ya es la needá o ya es la costumbre, el gusto.

Eso se da, depende del hombre...vamos a suponer que aquella mujer le gusta, le cae, en un parpadeo y otro, en un descuido que se encontraron, se platicaron y ya.

- Nos vemos tal día, en tal parte...

Y sí la mujer aceptó, dice.

- Pues si voy.

Ella sabe que le va dar dinero o si es posible antes de ir él dice:

- ¿Y cuánto vas a querer? ¿Cuánto me vas a cobrar?

Entons la mujer dice:

- Si me vas a dar tanto si voy, y si no pos no.

Ella va a lo seguro. En realidá orita en esta situación hay muchas mujeres que por diez o quince mil peso aceptan, porque ya con quince mil pesos comen un día sus hijos.

La mayoría anda con hombres casados porque los jóvenes solteros no aceptan cualquier mujer así, además al casado le sobra dinero. Muchas veces el marido sabe que lo engañan y no dice nada porque dicen que la mujer le dan cosas

Trabajo, poder y sexualidade

para que ellos no hagan caso...el remedio^{xxi}, les dan un buen remedio. Los remedios si funcionan...muchas acostumbran raspase las uñas, la menstruación y eso se lo echan en la bebida o la comida. Hay otras que acostumbran que echan todo ese traperío sucio y le llenan la cabecera para que ai duerman. Aquí arriba está una vecina que cuando su suedra^{xxii} se vino dar cuenta cómo tenía a su hijo la corrió, le sacó todo lo que tenía y se lo enseñó a su hijo, lo curaron^{xxiii} y se compuso. Ella andaba con otros señores y aparte le tenía bien hechos sus tamales a él.

Pero también a muchos les gusta porque les dan bueno de comer y saben que si entregaron dinero bien y si no entregaron como quiera ya comieron. Ella ve la forma cómo y ellos namás viendo. Esto también es un costumbre de parte de los hombres: "que mi mujer me arrime^{xxiv} lo suficiente de comer...Mire no vamos muy lejos, mi cuñada; mi hermano trabaja de cobrador en La Azteca^{xxv}, no gana mucho porque lo que se gana son trescientos veinte, trescientos cincuenta quincenales. Pero él viene y le entriega a la mujer, ella tiene refrigerador, tiene televisión, comedor, camas, su ventilador, todo tiene, su casa buena...y aún así busca. Mi hermano lo sabe pero no lo cree.

O sea que hay mujeres que lo hacen por necesidá y otras por su cuzquedá... porque eso es ser cuzco comadre, discúlpeme usté la palabra, pero eso es sinvergüenzada, porque si el marido le está arrimando no tienen porque hacer eso. Ora, pienso que sí es natural satisfacer los deseos de su cuerpo, pero si tienen su esposo mejor que lo hagan con él, que no lo hagan con aquel hombre que nomás se va burlar de ella. Tengo el caso de una amiga, esa así acostumbra hacer; se le para un hombre por

^{xxi} bebedizos menstruales.

^{xxii} suegra.

^{xxiii} existe la creencia que cuando un hombre está bajo los efectos de un "remedio" es necesario llevarlo con una curandera para que a través de ciertas hierbas le quite el mal que lo aqueja.

^{xxiv} me traiga.

^{xxv} línea camionera de la región.

Martha P. P. Jiménez

delante, con ese lo hace y aún vive con su marido. Eso siempre se lo he tomado a mal, porque eso no está bien, aún a su esposo lo tiene bien bajo sus naguas^{xxvi}. Muchas veces le he dicho :

- Alicia, no hagas eso. Piensa que no todo el tiempo vas a estar joven. Esos hombres lo que hacen es burlarse de ti, porque si es posible no te dan ni un centavo o lo que te dan es una bagatela. Si te dan cinco, diez mil pesos ¡Ay! Como dicen, ni pal jabón... No Alicia, nomás lo que hacen es enfermarte.

- No. Pero es que fíjate que pos nomás con que se me acerquen siento...

- Son tonterías. Aguántatelas pa cuando llegue tu marido.

Estas mujeres no se lo que necesitan...Está la señora de la cantina que tuvo varios maridos, ya está grande, recia y tiene ahorita uno re joven y dice ella que solamente este hombre fue la que la vino aplacar. Es muy grosera pa platicar, y así, con malas palabras dice que ella ha comido carne de diferentes y que si se pone a medirlas ya hizo una tubería de aquí a Veracruz...se ríe, pero dice que ningún hombre le ha salido a su gusto como éste y que prefiere mantenerlo, vestirlo, calzarlo y darle dinero pero que no se le vaya.

Ora, si el hombre no le da ¿qué cosa puede hacer? Buscar, porque no va dejar sus hijos que mueran de hambre. Ora, si tiene sus hijos chiquitos ¿Cómo los va abandonar por irse a trabajar? Pos ella ve la forma cómo se lo gana más fácil. Una viejita decía:

- La mujer es honrada hasta las doce del día, si a las doce del día ella no tuvo que comer, ella tuvo que buscar.

Nunca critico a una mujer que aunque sea casada lo haga por sus hijos. Pienso que uno por lo hijos es uno capaz de muchas cosas, pero que a los hijos no le falte de comer...porque

^{xxvi} lo tiene controlado.

Trabajo, poder y sexualidade

usté como grande se aguanta ¿pero las criaturas? Las criaturas no se aguantan, se llega la hora en que ya tienen hambre y dicen.

- Mamá quiero de comer.

Y si aquella mujer no tiene ni con qué calentar un poquillo de agua siquiera ¿qué hace? Ya será muy tonta o será güevona que no se sepa ni arreglar siquiera pa decir: "Voy con alguien y le saco diez mil pesos" Y con quince mil pesos les doy de comer a mis hijos tres días, aunque sea frijolitos y tortillas les doy.

Si tienes un hombre de planta^{xxvii}, depende del arreglo que tengas que si me va dar semanal o nomás me va dar cada vez que vaya a dormir con él, entonces eso no es amor. Eso será nomás cada vez que le da el servicio, le va pagar el servicio...hay diferencias. Conviene más uno de planta que se que me va ayudar, sea que le dé servicio, sea que no le dé servicio...y sí hay señores así, señores porque no digo que un muchacho.

Al principio uno va por necesidad pero llega haber amor...porque mira, yo tuve relaciones con un señor doce años, casado...más bien no está casado, sino así namás; su señora es grande y no tiene hijos tampoco. Era lo que decía: "no me como el pan de su familia porque no tiene". Pues este señor, yo veía que le caía, ya estaba recio, yo estaba más nueva, más joven, a lo mejor eso veía, mi juventú. Hubo una mañana que iba yo pa la calle y estaba parado en la puerta de su casa y me dice:

- ¿Onde vas?

- Voy a mandao.

- ¡Ummm! ¿Vas a tardar?

- No, no voy a tardar.

- ¡Ummm! ¿Tienes leña?

- ¡Uuuuy! ¿Leña de ónde? ¿Quién me va a traer leña? No ve que mi marido está trabajando en Veracrú. Pero casi no

^{xxvii} amante permanente.

ocupo leña, solamente a veces para echar tortillas, pero casi no muelo.

- ¡Aaah! No, es que te iba decir si quieres ir allá atrás, apodé^{xxviii} y hay harta leña de café, ya está leñada. Si quieres al ratito ves a traerte un rollo.

Yo en ningún momento se lo tome en ninguna forma ventajosa...y sí, me traje un terciesito de leña. Pero al siguiente viaje que fui ai estaba y me dice.

- ¿Y tu marido, cada qué tiempo viene?

- Tarda pa venir, veces tarda quince veinte días, a veces un mes.

- Dicen que es bien agarrado^{xxix} contigo.

- Sí, si es un poco agarrado. ¿Pero que quiere usted que le haga? Tengo que aguantarle por mis hijos.

- Pero bien que sufres.

- Pues sí, de sufrir si sufro, porque en realidá hay días que no tengo ni pan ni tortillas. ¿Pero que quiere usted que haga? Si no le aguanto ¿a ónde me voy a ir a trabajar con estos chiquitos? Y pos a veces que voy a trabajar al campo, a lo de nosotros, pero de eso no hay dinero hasta que no haiga café.

- Ten, ai pa que te ayudes.

El no me insistió en ninguna otra palabra. En ese tiempo el dinero valía, me da cincuenta peso...pensé: "Este lo hace con una intención", pero de atiro pensé: "Ultimadamente que me ayude". Se los acepté...me hacían falta. Entons me dice.

- ¿Cuándo vas a Coatepé?

- Pos no sé hasta cuando vaya.

- ¡Ah! Bueno.

Pasaron como quince días, como veinte días, y lo encuentro en la calle y me dice:

- ¿Onde fuiste?

- Fui a la plaza.

- Ya no has ido traer leña.

^{xxviii}

corte.

^{xxix}

que no le da suficiente dinero.

Trabajo, poder y sexualidade

- *No ¿cómo me la voy acarrear? Si me regaló uno, dos rollitos, no toda.*

- *¡Ah! Pensaba que a lo mejor ibas ir traer más. Si quieres ves a traer más.*

- *Después que me la acabe, todavía tengo.*

- *Bueno...mira ten para que te compres un pan.*

Me da veinte peso...y se los acepté. Digo: ¿A quién le dan pan que lloré? ¿Verdá? Hasta que llegó el momento que ya se me dirigió a lo derecho y le digo:

- *Pero es que está canijo porque como quiera que sea usted tiene su señora.*

- *Pues fíjate que sí, pero en realidá no tenemos hijos. Si quiera en esto que gaste el dinero.*

- *Pues sí. Pero también póngase a pensar que tengo mi marido y si un día se llega dar cuenta.*

- *Pero ¿quién le va decir? ¿Tu? Solamente que le digas tu, porque yo nunca le voy a decir. Ora yo a nadie le voy andar contando tengo que ver con fulana. Por mí nunca se va saber. No sé por ti, si tú alguna amiga se lo vayas a confiar y después esa amiga te eche de cabeza. Pero de mi parte no.*

- *Ta canijo, fíjese que usted está más recio, yo vengo siendo una chamaca.*

El tenía sesenta años, yo tenía veintiocho. Taba chamaca...pero a lo mejor a mí también me valió ¿no? Entons le digo.

- *Bueno, si lo acepto.*

- *Vamos a Xalapa.*

- *Bueno.*

Entons ese día que me invitó a Xalapa, sí me llevó a los hechos y más que la verdá era un señor recio y sí daba los kilos como hombre...y sí muy limpio más que la verdá, muy limpio.

Cuando nosotros salimos de los hechos me llevó al mercado, me compró el recaudo^{xxx} que me iba ser falta y me dijo.

- Cuando tú necesites dinero, búscame. Búscame porque no creas que nomás porque no vas venir conmigo a estarte acostada un rato, no te va dar derecho. Cuando tú necesites dinero, ya ves que subo y bajo por tu casa, no me lo vas a pedir pelonamente^{xxxii} por delante de otra gente, pero cuando veas que voy pa bajo dime: "Oiga julano présteme usté tanto que el día que tenga o el día que me venga mi marido se lo doy". Acecto que me pidas, te lo doy. Sino el día que yo pase te digo: "Mira aquí está lo que te debo". Y nadie se va dar cuenta.

- Ta bueno.

Y más que la verdá ese señor nunca me defraudó. Nunca me defraudó, porque cuando a mi me hacían falta zapatos, no esperaba que se los pidiera.

- Mira, aquí está pa que te compres unos zapatos. Porque veo que tus zapatos ya no sirven. Ten, cómprate zapatos.

Sino me decía:

- Mira, aquí esta pa que te compres una o dos telitas de ropa.

O él iba a cobrar y me traía...no llegaba así peladamente^{xxxii}, pero por ai me los dejaba, él ya sabía dónde.

Siempre, siempre me ayudó... y bueno. Porque más que la verdá, de ese señor nada tengo que decir porque me ayudó cuando más lo necesité. Doce años lo tuve...cuando enviudé me dijo.

- Si tu te quieres casar conmigo, la señora que tengo le digo que se vaya, porque de todos modos ni contigo ni con ella nunca vamos a tener familia. Pero fíjate que siento claramente que con ella ya no vivo bien porque vienen sus nietos, su hija, su yerno y es una destrucción que me hacen de lo que tengo.

^{xxx} legumbres y verduras que se usan semanalmente en la preparación de los alimentos.

^{xxxii} descaradamente, abiertamente.

^{xxxii} descaradamente, abiertamente.

Trabajo, poder y sexualidade

Le dije que no, en primera porque yo estaba joven y él ya estaba recio, le digo.

- La gente al quererme casar contigo, lo primero que van a decir es que lo hice por la interés, porque no se han dado cuenta lo que ha pasado entre tantos años.

Al momento si sentía que lo quería...sería por lo que me ayudaba o por lo que usté quiera, pero si sentía que lo quería. Mi marido nunca se dio cuenta porque en realidá, todavía había casos que él por algún fracaso^{xxxiii} que tenía, me decía:

- Ves y pídele a fulano que te empreste. Dile que una vez que gane te lo doy para pagárselo.

Y siempre me prestaba y cuando iba a regresárselo ya no me los tomaba. Me decía.

- Guárdalos, agárralos tú.

Cuando nos venimos a dejar fue ora después por el simple hecho de que, pues mas que la verdá, ya no quería citas con él porque como hombre no daba...pero él tiene noventa año, ya ta recio. Me decía:

- No importa que ya no pueda hacer nada, conque vengas a estar conmigo un ratito una hora una media hora, tú sabes que tu dinerito te llega.

Pero también si me evitaba:

- Namás que no quiero saber que tú andas con otro...

Entons me ponía pensar: "El está viejo y yo estoy joven". Cuando él se dio cuenta de este otro hombre, que empezó a llegar, ai él mismo se jue cortando...Pero aún a veces sube o baja por aquí y si estoy solita ai parada juera, nomás me ve de arriba abajo y le da risa. Un día le digo.

- ¿Y ora por qué te da risa?

- Pues ni modo, estaba viejo y por lo viejo me tenías que dejar. Pero, aún quería hacerte mi esposa, pero no quisiste.

^{xxxiii} problema.

Martha P. P. Jiménez

- Bueno, solamente que quisieras que te hiciera guaje^{xxxiv}. Si querías que me fuera a vivir contigo, pero te hiciera guaje, me hubieras dicho.

En ese entonces solo anduve con él. Me daba lo que necesitaba ¿Pa qué quería otro?

Llega haber amor y también gusto. Porque, más que la verdá se junta todo...porque yo viví esa experiencia el tener mi marido y tener éste otro señor, pero muchas veces semanalmente recibía más dinero del señor éste que de mi marido. Había ocasiones que me gustaba más como hombre que mi marido, porque esa persona se cuida para que cuando va a lo que va comprenda que sí le cumpla. Y un hombre joven no, un hombre joven dice: "¡Uta! Sí lo hago orita y lo hago mañana y lo hago pasado"... y entons no está igual. Esas son las diferencias entre un hombre joven y un hombre recio, muchas veces ese es el problema de un hombre joven.

Con estos hombres es mejor que con el marido, porque ella sabe que come, viste y calza, pero no sabe que hay que lavarle, que hay que plancharle, que hay que remendarle, que hay que darle de comer, que hay que hacerle bastimento...porque eso no es ningún compromiso, es más cómodo. El tiene derecho sobre esa mujer porque le está cumpliendo para el sostenimiento^{xxxv}, sí tiene derecho de llamarle la atención y ella debe decirle: "voy a tal parte o voy hacer esto". Digamos, si la mujer sabe respetarlo y si no lo sabe respetar, pos solo se entiende con su marido. Hasta ai, él crea un derecho y también de serle fiel...de pegarle no porque ¿quién cree usted que se va dejar que un hombre le pegue? Pienso que en ésta época son pocas las mujeres que se dejan que un hombre la golpe. Nadie va ser capaz de dejarse de que le den a usted un mal golpe...menos un hombre así, ta bien que me estará

^{xxxiv} que te fuera infiel.

^{xxxv} sufragar los gastos del hogar.

Trabajo, poder y sexualidade

manteniendo, pero no tiene ninguna comprobancia por onde consta que soy de él. Porque más que la verdá comadre, aquel que está casado es como si tuviera el fierro de aquella persona, de que dice esa persona es mía, es mía porque aquí está por onde consta que lleva mi apelativo^{xxxvi}, le di mi nombre...así que es mía, me corresponde. Porque usted si no es casada con mi compadre...pos uno vivió casado, porque yo al menos, sí fui casada con mi esposo, cuando me casé por el civil me quitaron el apelativo de mi mamá, ai quedé nomás por Parra de Martínez. Lo que nos quieren dar a entender que de ai corriendo uno es propiedad de aquella persona, entonces dice aquel la puedo golpear^{xxxvii} pues es de mi propiedad, es como si la hubiera comprado. Y una persona que no tiene ninguna obligación ¿por qué le va poner a usted una mano encima? En primera, que no le cumple a usted para el sustento, en segunda que usted sabe muy bien que no tiene ningún derecho a golpear.

Como la cosa del aborto...Creo que lo que deben hacer es no embarazarse, si saben que no quieren tener aquella criatura ¿cómo se embarazan? Que se curen^{xxxviii} con tiempo y que no cometan esos errores. Mucha gente dice que una mujer que abortan se vuelve llorona, porque no quiere a sus hijos, lo he oído porque más que la verdá nunca lo he visto. Esa creencia no la tengo porque nunca de en toda mi vida que he tenido hasta cuarenta años, nunca he visto lo que es una llorona, me han hablado de ella pero que yo la vea no. He oído en otras personas.

- Que anoche se oyó la llorona.

- Vimos a la llorona.

Quién sabe, porque nunca ni la he oído, ni la he visto. La soñé una vez en sueño, en sueño la soñé, pero namás que en

^{xxxvi} apellido.

^{xxxvii} golpear.

^{xxxviii} que tomen medidas para no embarazarse.

ese sueño sí conocí la persona y así lo comprendo, que sí pueda ser cierto porque la persona que soñé la vi. Dicen también que el relinchido de una mula es el mismo grito de una llorona...la mula no puede tener hijos y la llorona si los tiene pero se los come, vaya se los saca. Muchas los botan al río y otras los entierran a las orillas de los montes, pero de todo modos dicen que se vuelven lloronas. Desde chamaquilla he oído ese dicho, porque mi papá en muchas ocasiones nos contaba que la oía, porque allá enfrente onde vive mi mamá está un arroyito y había una pozota onde lavábamos, así nos bañábamos y había ocasiones de que muchas personas decían.

- ¡Ay tú! ¿A poco anoche no oíste la llorona?

- No

- Si así estaba, tardó harto así. Anduvo tendiendo pacá ropa, estuvo lavando en ese lavadero, después se bañó y se fue. La estuve mirando.

Desde entonces la gente decía que las mujeres que abortaban se convertían en lloronas. Porque por en casa de mi mamá vivía una mujer y según, esa había cometido esos errores y esa era la que veían allí. Dicen que hasta la fecha para abortar sirven los teses...amargos deben ser. Cuando estaba muy chamaca vi una mujer que abortó con puros mejorales y cerveza caliente. Esa mujer que cometió ese error era de mi familia, era una tía mía. Una noche la soñé en el arroyo, vi que era mi tía y al otro día que le platico a mi mamá.

- Mamá ¿tu crees que anoche soñé con mi tía? Pero la soñé llorona.

- Mmmmmm

- ¿Y sabes qué? Acabo de creer que sí es malo cuando se tumban los hijos.

- ¿Por qué?

- Porque ella en Veracruz se tumbó uno.

- ¿Y a ti quién te dijo?

Trabajo, poder y sexualidade

- *Yo me di cuenta mamá, lo vi porque fui a destapar onde estaba el niño.*

- *¿Y por qué nunca me habías dicho nada?*

- *Nunca le dije nada a nadie. Hasta hoy le vengo diciendo porque la soñé y la vi en forma de llorona.*

Ora, aquí tengo otra tía que también según hizo lo mismo, que es la que dicen que han visto en este arroyo de aquí...que más que nada yo nunca le he visto, ni nunca la he oído.

Con mi marido sufrí en la forma de que era muy borracho, muy peleonero. No peleaba conmigo pero basta conque peleaba con la gente y cuando no le hacían, hacía; cuando le pegaban iba a desquitarse....la que sufría era yo todo el tiempo...y se pegaba, sufría porque se tenía que ir de pelada. Sufría en la forma de que me quedaba con mis hijos sola, cuando podía me mandaba un centavo, cuando no, no. Se pasaba un año, dos años y él no mandaba un puta quinto. Mientras trabajaba en las fincas de nosotros o en lo mismo del cañal...toda mi vida la he pasado trabajando en el campo, en el azadón para mantener a mis hijos.

Mujeriego era un poquito...pos hasta la fecha dicen que anda por ahí un hijo que es de él. Porque ora después que murió, supe que esa mujer dijo que me iba venir a dejar ese niño porque era hijo de él. Yo le dije a esa persona que me dijo:

- *Bueno, sí lo acepto, namás que sí con una condición: que le voy a quitar el apelativo que trae. Si va aceptar el chamaco quedar como hijo mío, si lo acepto. Amás eso lo hubieran venido pedir a él, no a mí. Porque aquí lo que quedó es pa mijo.*

Por acá con otra mujer también tuvo una niña de él, pero se murió. A veces discutía, pero al mismo tiempo pensaba: "ahí se va una de cal y otra de arena". Ese era mi pensamiento...mejor no le decía nada. Pero sí había ratos, había momentos que sí me

Martha P. P. Jiménez

daba coraje, porque muchas veces yo tenía que trabajar con él para que el día sábado, el día domingo se fuera con el dinero y no me diera ni un quinto. Era cuando discutíamos:

- Voy a tal parte, luego vengo.

Y hasta el siguiente lunes venía llegando sin dinero, bien tomado.

- No creas que te celo a ti, pero mi trabajo no lo vas a regalar a nadie. Porque si te ayudo a trabajar es para el día de mañana mis hijos que tengan, no nomás para que tú lo malgastes así.

- Ya no lo vuelvo hacer, no va volver a pasar, ya no.

Hasta que llegó el momento que le dije.

- Sí voy a trabajar contigo, pero me vas a pagar como un mozo. El sábado a mí me entregas mi raya, porque me la gané, así si trabajo.

Sí lo acepto. Después trabajaba en el campo en elzadón o cortando café pero el día sábado recibía mi raya.

- Ai está tu dinero.

Después que enviudé estuve año y medio sola, sin hombre. Pero más que la verdá, a éste nuevo señor lo acepté porque ya me había chocado de trabajar, estaba aburrida de ir al campo. Ahora si voy al campo a ver mi finca y mi cañal, pero no es lo mismo que vaya dos o tres días a la semana que a diario...entons eso fue lo que me hizo más bien hacerme de otro señor. Como vi que era trabajador, que me atendía las tierras y las cuidaba como era debido. Casada con él no estoy, namás vivimos así en unión libre porque él es casado, él tiene su mujer y sus hijos. Empezó a trabajar conmigo como negocio, estaba sola y ese tiempo era corte de café, entons en el corté de café uno necesita de por si un hombre para que cargue costales a los carros. Un día que estaba cortando café en una finca que tengo junto a la barranca, él paso y me dice:

- Oiga usted señora, ¿de casualidá no tiene usted chamba?

Trabajo, poder y sexualidade

- Mire, si tengo trabajo nomás que si le alvierto que si su esposa no es celosa, porque he tenido problemas con otros mozos que he tenido porque dicen que ando con sus maridos y eso no es cierto.

- No, por eso no va haber problemas.

- ¡Ah bueno!

- Es que mire, tengo afán de trabajar.

- Pues si quiere ir, vaya mañana.

Entons me iba a trabajar con los mozos, me ponía mi pantalón, mi camisa, me montaba a mi bestia y me iba donde ellos estaban. Venía hasta en la noche con ellos. Venían el día sábado, aquí, a cobrar su dinero y pus los invitaba un refresco, un café o de cenar y se iban de noche a su casa. Ese era el simple hecho de que las mujeres decían que andaban conmigo...pues lo mismo empezó la gente a decir que él era mi querido porque se iba hasta medianoche. Pero aquí estaba con nosotros, con mis chamacas y conmigo, y él pues se ponía a platicar y nos daban la una, dos de la mañana mirando televisión y platicando. Pero así empezaron que no, que era mi querido, que porque se venía a quedar conmigo, más que la verdá no era cierto. Entons una vez que fuimos a un convivio que hubo en Xalapa, se me pasan las copas y entons al salir de ai...pos ya ve que un hombre aprovecha las oportunidades...ai fue el caso de que empezamos más...de que pus fuimos a resultar en otras partes y de ai empezó. Como a determinado tiempo, tendría como dos o tres meses, pos cuando hubo una platica y entonces le dije:

-Bueno, bien acá o bien allá, pero en las dos partes no. Porque llévalo en cuenta, tú bien sabes que un mozo si tiene dos amos con uno queda mal y con otro bien. Lo mismo le pasa a un hombre que tiene dos mujeres, si queda bien con una queda, mal con la otra. Así que tu decides: allá en tu casa o acá. No te exijo dinero pa que me mantengas porque no es tu obligación, la obligación de mantenerme es mía y de mis hijos también es mía.

Martha P. P. Jiménez

Tu obligación es de mantener a tus hijos y a tu mujer, porque por flojera nunca te va decir: "me voy a ir a trabajar".

- Bueno, pos voy a pensarlo.

Como a los ocho, quince días que me dice:

- ¿Sabes qué? Decidí mejor venirme pacá.

- Bueno. Te vas a venir pacá conmigo, pero no quiero que una noche o dos noches de la semana digas, no, pos me voy pa mi casa, porque el día que te vayas a quedar a tu casa, mejor vete definitivamente. Así no, que les llesves dinero el día domingo, ves y déjaselos, porque desgraciadamente es una mujer que no sabe ni mantenerse; llévale dinero pa que se mantengan, pero de que vayas tú a estar allá en tu casa, lo siento pero eso no.

Y así fue. Todo el tiempo él ha mantenido a su mujer y sus hijos...pos está bien, porque el día de mañana no me gustaría que un hombre abandone a mi hija y la deje a la pobre hasta sin dinero. Ora, si necesitara que me mantuviera entons ni modo, tenía que mantenerme, pero gracias a Dios no necesito porque con lo del cafecito, lo de la caña y la pensión mensual que me dan del Seguro del difunto bien me ayudo. Amás, crío mis animalitos, mis cochinos, pos de ai me ayudo.

Cuando trabaja en lo mío no le pago, eso viene a casa, pero pus tampoco él ganó un quinto...no sé como le hará pa que coman allá en su casa, pero ese no es problema mío. Pero cuando trabaja en lo ajeno aquí no mete ni un quinto. Yo pago luz, agua, le doy su comida, su bastimento, le lavo, le plancho...es decir le arrimo todo. Yo mantengo la casa y él a veces da una ayuda.

Veces me dan ganas de ir a trabajar a un destino, a una casa...Me daban trabajo aquí en la Coca Cola, pero pos no puedo porque no me doy tiempo. Porque si me dedicó a irme a trabajar desatiendo también muchas cosas del campo que son mías, digamos que me corresponden. Porque al menos, cuando llega el corte de caña, no voy a trabajar, pero si tengo que ir a

Trabajo, poder y sexualidade

vigilar que no me dejen caña tirada, que carguen bien lo que queda, que quede bien compuestito o cualquier trabajo va uno ai andar mirando siquiera. Que si están limpiando, hay que ir a devisar que quede bien limpio, que hay que ir a botar labono. Entons en ese tiempo a mi no me iba dar chance onde esté trabajando de irme una semana o dos. Se llega el corte de café, pues entons a eso si me dedico a cortar con la gente para tratar de sacarlo y venderlo, entons digamos que en ningún momento podría ir a trabajar a una casa porque me iría a trabajar un mes, pero el siguiente mes se me ocurre un trabajo del campo, tengo que salirme y irme al campo...entons no puedo.

Con este hombre ya tengo cinco años...y no creas llegan ratos de que me choco, veces me cansa la pacencia. Cuando él gana una parte se la lleva a su mujer y sus hijos y otra se queda aquí, pero también ¿cuánto tiempo pasa que no da ni un centavo? Veces, a lo que me abaso es de que digo que al menos ya no tengo la obligación de ir al campo, porque de plano ahora me da como flojera, como asco, ya le agarré asco alzado, como que ya me cansé, ya me choqué.

Y estando él, namás le digo:

- Mira vete, me vas hacer esto en tal parte.

Y sé que va y lo hace, pero tampoco tengo que pagarle. Se llega la limpia del cañal;

- Tu pedro ves a limpiar, ves a fumigar.

Si tengo centavos no lo reporto al ingenio. Pero si no tengo centavos voy y lo reporto, pero sé que ese dinero tampoco se lo doy, me quedo con ese dinero. Tengo un hombre que me saca adelante el trabajo de campo...de eso si no me quejo. Ora, hacer las siembras del maíz, él ve como limpia, como hace el trabajo y ya habiendo la cosechita llega el maicito.

Martha P. P. Jiménez

La verdad si siento quererlo, digamos que por el mismo portamiento^{xxxix} de él, porque no tiene ningún vicio, ese fue un gane de él: no toma y no es peleonero. Porque cuando está molesto, está muino, no es cosa que se empiece a pelear o que empiece a maltratar a uno. Si trajo algo de comer, el niño se lo comió o quién se lo haiga comido, si le tocó bien y si no le tocó tampoco, él no está preguntando después:

- Bueno ¿Y lo que traje quién se lo comió?

Digamos que pos eso fue lo que me hizo quererlo...hasta ai no me quejo. Que es como él dice:

- Yo no tengo tampoco ningún derecho de levantar la voz aquí porque no estoy en mi casa. Aquí, el día que a ti se te pegue la gana me truenas los dedos y me dices: "lárgate". Por eso, aquí, el que tengo siempre que estar humillado soy yo, tú en ningún momento tienes por qué humillarte, porque estás en tu casa.

- Pos si es cierto. Si te parece y sí no, tú ve lo que haces.

Digamos que a lo mejor por eso también él nunca levanta la voz. Esta situación es conveniente para mí porque nunca tengo que me chanté^{xl}, en mi cara nada, porque tengo libertá de irme donde a mi se me de la gana y él no podría decirme nada. Porque como se lo he dicho: yo aquí mantengo, yo tengo que ver que en esta casa no falte nada, pero también tengo libertá de adonde quiera irme. Cuando tú mantengas o cuando viva bajo de tu techo, a lo mejor si tengas derecho de decirme: "pos no vas hacer esto"...pero mientras no.

Su esposa más que una líquida^{xli} vez me echó pleito. Pasó una vez que él me dijo:

- Ves a traer una bestia que está en mi terrenito.

^{xxxix} comportamiento.

^{xl} champar, echar en cara.

^{xli} sola.

Trabajo, poder y sexualidade

- *Creo que no voy, pos no me vaya a encontrar a tu mujer y si me dice algo le voy a romper el chipo^{xlii}.*

Porque de mi parte le estaré quitando un marido, pero mas no lo que se va a comer. Y sí también se lo quité fue por su mala atención, no porque hubiera querido. Entons esa vez me voy pallá y ai andaba con su hija y que me empieza a maltratar...

- *Semejante perra cuzca.*

- *¿Sabes qué? De perra cuzca lo siento pero no soy, porque nunca me he ido a comer lo que tengas en tu cocina pa que comas en primera; en segunda, nunca me he comido el trabajo de tu marido... perra güevona que estás atendida a que te tengan que mantener. Porque yo, en tu pellejo tuyo, lo siento mucho pero ai quédate con todos tus hijos me largo a trabajar y me mantengo sola. Pero si no fueras así de güevona y de chocha como lo eres, de cochina como lo eres, nunca te hubiera dejado tu marido. Si te dejó fue por tu cochinada y por tu güevonada, no porque haigas sido una mujer limpia y asiada.*

No me contestó nada, se quedó callada. Entons vine y se lo dije a él.

- *Mira, tu mujer me dijo esto y esto, y no quiero problemas. Así que por favor tú debes de poner algo de tu parte y llamarle la atención, porque eso no está bien, por el simple caso de que ella tiene hijos y yo también y no hay caso que un día ellos agarren problemas por culpa del esposo, cuando no hay motivos.*

Si un día por alguna razón nos tuviéramos que dejar pienso que no me buscaría otro hombre. Ya no, porque sería como siempre estar empezando, es como siempre estar sembrando una planta y verla que reproduce o verla que se compone y cuando ya se compuso se la llevaron. Porque mas que la verdá, cuando él llegó aquí, venía jodido...en primero, no traía nada y en segunda, estaba un hombre flaco, flaco, flaco...taba

^{xlii} boca.

amolao. Sin embargo ahora el hombre está repuesto, está gordo, lleno de vida, está bueno, sano y le gusta trabajar. Cada vez que llega dice:

- Me voy a bañar, me voy a vestir de ropa.

Se cambia y se va.

El rejuveneció, ya no está como estaba...

Así que no tendría caso volverme a buscar otro que estuviera en las misma y volver hacer lo mismo...lo que pasa es que estoy joven...pero ya un voladito que cayera por hay ¿verdá? Sería más fácil que estar aquí con un compromiso...mejor cada vez que quisiera...pues buscaba un volado por ai y ya.

Que le voy a decir comadre, no es tan fácil aceptar así nomás a un hombre sin amor, siento que a un hombre sin amor no lo acepto, nomás por dinero no lo acepto...Porque mire, cuando enviudé taba joven, de treinta y tres años, y una tía que tenía por allí me dijo:

- Mija quedaste viuda y bien joven, nunca vayas a pensar hacerte de un hombre, que eso es un relajo feo. Pa comer carne no necesitas tener marido, cuando sientas deseos de un hombre vete a Xalapa, vete a Veracruz y disfruta lo que desies, con la misma te vienes a tu casa y no tienes ningún compromiso.

Entons mire, yo más que la verdá, antes de hacerme de este hombre, quise hacer esa prueba. Me encontré un hombre en Xalapa, era un hombre de billete y me habló en un almacén onde andaba comprando, ai me fue alcanzar. Me propuso lo que me propuso y le dije:

- Me vas a dar tanto.

- Sí.

- Pero no voy a tardar, cuando mucho una hora, pero más no porque tengo que irme.

Aceptó. Cuando salí de ese lugar, salí con ganas de vomitarme, salí con asco. Llegué aquí, me bañe, me lavé la boca de un modo y de otro...me bañe bien bañada, me eché loción, me

Trabajo, poder y sexualidade

eché alcohol en el cuerpo porque sentía que a mi me repugnaba esas caricias, porque la verdá no las deseaba...Porque pus no, sentí que no, entonces digo no...más que la verdá, la caricia vendida no me gustó.

En cambio cuando empecé con esté hombre, el que ora tengo, sentí que si me satisfacía, como que a mi si me gustaban sus caricias, como que si lo desiaba y pus entre más pasó el tiempo más. Más que la verdá, si lo quiero, aún se lo he dicho:

- Te quiero bastante, te quiero mucho. Pero el día que quieras irte tampoco me opongo, vete, se que voy a sufrir, pero vete.

Pienso que el mismo amor que siento por él, él lo siente por mi. Porque no me lo dijo a mí, se lo dijo a otra persona: "a esta mujer la quiero como a ninguna mujer he querido, porque tuve mi esposa pero nunca sentí este amor".

Yo de niña casi no jugaba. Cuando jugaba mis juegos eran de las ocho de la noche pa delante y nunca me gustó jugar muñeca, juguete...a mi siempre me gustó jugar pelota, jugar trompo, jugar rayuela, jugar columpio y echar maromas a los llanales -a las lomas onde había llanito- y jugaba revuelto con niñas y con niños. Me salía de la casa pero no decía: voy a jugar, le decía a mi mamá.

- Mamá luego vengo voy an de mi abuelita.

- ¿Qué cosa vas hacer an tu agüelita? Hay que acarrear agua.

- Sí, luego vengo. Aunque sea de noche acarreo el agua.

- Pos ora vete pero no te tardes.

Cuando más, me daban una media hora o una hora...veces me pasaba, aunque me pegaban, me pasaba. Ese era mi juego las escondidas, la pega...pero nunca me vio usté jugando muñeca, no me gustó.

Me pegaron mucho de chiquilla. Llegó el término que mi papá que de una zurra que me dio, me mandó al hospital Nachón...me pegó con un palo. Eran más exigentes, no como ahora, ora los ve usté que se van y juegan toda la tarde y uno:

"al rato que vengan" o namás le grita uno: "namás te quiero pa esto", y ya, al juego otra vez. Y antes no, al menos cuando fui a la escuela, me levantaba a las cuatro de la mañana pa que me diera tiempo dejar el patio bien barrido, las plantas bien regadas, la casa barrida por dentro y ya me iba a la escuela. Llegaba de la escuela a las dos y media que salía, y si eran tiempos de corte de café y me tenía que ir al cafetal. De regreso me ponía acarrear agua, lavar trastes, a veces juntaba varios chiquitillos ai en la casa para que me ayudaran. Ya que me ayudaban hacer el quehacer y me iba a jugar, pero tenía que dejarles hecho el café y la comida.

Los quince años no se acostumbraban, antes a la que le celebraban los quince años era que le buscaban una madrina de medalla y le hacían una ollita de chocolate en su casa, esa era la fiesta de quince años. Pero como ahorita, que una fiestón, así no, antes no. Bailes sí hacían, pero nunca acostumbre ir a un baile...de permiso sí me daban, pero a mi nunca me gustó. A mi de muchacha lo que me llamó mucho la atención fue ir al cine.

De novios nada, no daban permiso...que se las estudiara uno como uno pudiera era otra cosa, pero que de los papás naciera: "te voy a dar permiso", no. Ora apenas le pudieran caer a uno con el novio, eran garrotizas que le daban a uno. Fíjese que mi papá llegó el momento que le pegó a mi hermana a media calle por encontrarla con el novio. Nos decía que qué cosa pensaba uno, que esas tonterías de tener novio o hacerse de marido, que si no sabía uno que namás iba al fracaso, que los hombres lo único que querían era el gusto de uno, de la mujer, pero que no cumplían con la obligación como era debida, que se iban a las fiestas, qué se iban a los bailes y que a uno lo dejaban como tonto. Pos ese costumbre siempre ha sido porque ya ve que hasta la fecha...pero le digo, mi papá era su modo de tratar a uno, que el día que le caía a uno con el novio eran chirrionizas o palizas. Y la mamá también apoyaba al papá, porque si lo veía y no le quería pegar a uno, le decía al papá:

Trabajo, poder y sexualidade

- *Oye, vi a julana de la mano de julano. Así que llámale la atención.*

Y la llamada de atención era una chinga.

Aun así las muchachas se iban jóvenes...pos muchas veces lo hace uno por capricho, porque yo al menos cuando me hice de mi marido, pos nos tratamos un poco de tiempo y pos yo, más que la verdá ya estaba cansada de trabajar y puro entregar. Decía: "cuándo voy a trabajar pa mí...nunca". Porque entre más, más crías tenía mi mamá, porque vivimos seis, pero también se murieron seis de cuando eran chiquitos. Todavía cuando me alivié de mi primer chamaco, mi mamá estaba embarazada de otro.

La verdá me pegaban mucho, pero esa vez me pegaron tres veces seguiditas porque me cayeron con él platicando. Me pegó una noche, me dejó toda moreteada de los golpes que me dio, aún así, al otro día me fui acarrear agua al lavabo. En la tarde, por la suerte o por la de malas este muchacho me vuelve hablar y me vuelve a caer, porque ya me andaba espiando, a todo momento que me iba a traer agua él me espiaba, y me vuelve a pegar. Al otro día temprano madrugo al molino y me vuelve hacer la misma, pero esa vez si me pegó bien feo, porque me pegó con un palo que tenía unos picos de café y me rasga la mano, me saca sangre de varios golpes. Pero a la hora que me volvió a pegar acá en la otra mano, se lo agarro, le quiebro el palo y saca la cubierta de la moruna y me pega de cubiertazos por la espalda y por las piernas. Entons enojada que le grito.

- *Pues paque se les quite la muina que tienen, me voy a largar con él y si no lo quieren ustedes, queriéndolo yo...*

Tenía dieciseis año. Entonces que agarró y me voy a casa de la señora onde estaba trabajando, en la tarde fui a traer agua al pozo y que me habla él.

- *Ya ves, te estoy diciendo que te vayas conmigo y no te quieres ir.*

- *Sí me voy contigo y orita mismo.*
- *¿Orita te vas conmigo?*
- *Sí, namás aquí espérame. Voy a ir a traer mi ropa a la casa.*

- *¿Y cómo vas hacer pa sacar ropa?*
- *Orita me las arreglo. Orita no está mi papá. Llego a la casa y le digo a mi mamá.*
- *¿Sabes qué amá? me voy a llevar mi ropa porque la voy a lavar allá en ca doña Urbana.*

- *¡Ah! Ora.*
Me hecho toda mi ropa a una cubeta con mis zapatos adebajo y una bolsa nailá^{xliii} la meto encima. Me dice:
- *Pero llevas harta ropa pa lavar.*
- *Sí, es que toda la tenía chorreada^{xliv} porque no la había lavao.*

- *Semejante güevona ¿por qué no habías lavao?*
- *Porque no tenía ganas, pero orita la lavo. Pero no estaba sucia, estaba limpia.*
- *Ah bueno. No te tardes mucho porque no tarda en venir tu papá. Ya ves que namás las anda mapeando^{xlv}.*
- *Sí. A ver cuando me pueden agarrar.*

Esa fue la contestación...no regresé. Me llevó pa Xalapa...vine a dar aquí en ca su mamá como a los veinte días. Pos pasaron como dos meses y fuimos a pedir perdón a la casa y no me quisieron perdonar. Dijo mi papá que no, no me perdonaba, no me quiso perdonar.

Viví con mi suegra como tres meses pero me fue de la patada. El simple hecho era de que no nos pudimos agarrar el modo, porque la señora era muy geniosa y a todo el mundo le gustaba pegarle y a mí era lo que no me parecía, que se lavara las manos con otras personas. El agarre que nosotras teníamos

^{xliii} bolsa de plástico.

^{xliv} sucia.

^{xlv} espiando.

Trabajo, poder y sexualidade

fue que una vez le fue a pegar a una tía mía porque todavía después de sus sinvergüenzadas que andaba haciendo, o sea que andaba ganándole a mi tío, le fue a pegar. Entons me di cuenta y me encabroné, con perdón de usté me encabroné y le pegué. Mi suegra vivía con mi suegro pero se dedicaba a quitar maridos, era su costumbre, y además todos los hijos le eran cargados al esposo, fueran o no fueran, ellos nacían en ese terreno y pos ai se quedaba. Mi suegro lo sabía y no le reprochaba nada, hasta que se cansó y la abandonó; lo que hizo fue salirse de la casa y dejarla a ella con los niños. Ella no dijo nada porque sabía muy bien que tenía cola que le pisaran y ella le siguió al asunto...

En su casa me encargaba de todo el quehacer, porque ella se iba, nomás esperaba que mi esposo y su esposa se salieran al campo, se bañaba, se iba y me dejaba con toda la carga de los chiquillos, el quehacer y hasta las dos, tres de la tarde venía. Y todavía molesta porque:

- Esto no estaba bien hecho.

- Señora, pos lo hago pero los chamacos lo descomponen...ora amás de eso yo vine a servirle a su hijo, no a servirle a usté. Soy mujer de su hijo, no sirvienta de usté.

Y como con mi marido sufría desde el principio porque era muy borracho, namás aguanté tres meses. Su mamá en vez de llamarle la atención le tenía miedo. El tenía la misma edá que yo diciseis año, pero desde chamaco era borracho. Como no me pareció digo: "bueno, que tengo que estar sufriendo, lo que quería es dependizarme^{xlvi} de mi familia porque antes trabajaba y todo el dinero lo tenía que entregar a mi casa...ahora me voy a largar y trabajo pa mi bolsa, no pa ellos".

Y una mañana me esperé que se fuera a trabajar, porque ni discutimos ni peliamos con nada, sino que se llegó sábado y me dice:

- ¿Vas ir a comprar recaudo?

^{xlvi} independizarme.

En ese tiempo me daba veinticinco pesos pa comprar mi recaudo.

- No, no voy ir ora, voy mañana.

- ¡Ah!

Se llegó domingo y me dice.

- Ten,ai está el dinero.

Yo quería el dinero, porque ese dinero tenía pairme. Entons, como el tren bajaba a las siete de la mañana pa Veracruz, pos al otro día lunes que madrugo, como él cortaba caña, que madrugo bien temprano, que le hago su bastimento, que limpio mi cocina bien limpiecita, que dobló toda su ropa y que me voy en la primera corrida que subía a las seis de la mañana, palcanzar el tren de las siete...agarré camino y me fui.

Jamás volví a venir, en Veracruz me puse a trabajar y hasta el año él vino a dar conmigo porque como él no salía de aquí no sabía, ni a Xalapa iba. Al año fue a dar conmigo porque se puso de acuerdo con mis tíos, mis tíos si lo querían. Pero todo ese año ni a mi familia ni a él le volví a ver la cara, porque ni a mi familia busqué.

No me busqué hombre, solita andaba. Trabajaba y me gustaba irme a los cines, andaba por el malecón, a las playas. Un día fue por mí y me dice:

- Vente conmigo, la verdá ya me voy a portar bien.

- Es que la verdá, a mi tu mamá no me quiere, ni tu papá.

Y pos no me voy a ir así, así nomás no, porque si antes no pedí casarme, ahora sí. Si me voy, pero que vaya tu papá y tu mamá hablar con los míos y aunque sea por lo civil nos casamos. Porque entonces quién tenga la culpa y no cumpla, a ese lo castigan...y si no, no me voy. Aquí estoy trabajando muy bien, así que lo que te diría es que te vayas con tu familia.

- Si me voy, pero vete. Vete que en quince días va mi mamá y mi papá.

- ¡Ah! Bueno.

Trabajo, poder y sexualidade

Entonces que me vengo, que llego a la casa, pensé que me iba a correr mi papá. Pero no, como llegué sola él me recibió bien recibida en la casa. Namás me dijo.

- Ya ves hija te lo dije, pero querías calar, querías muestra.

- Mire papá, mas bien lo quería era dependizarme de ustedes, porque todo este tiempo trabaje para mi bolsa, no para ustedes, pa vestirme y calzarme pero a mi gusto, a mi antojo. Y antes ya ve usté, lo que ganaba lo tenía que entregar a ustedes y ora no.

- ¡Ah! Entons más bien estabas chocada con nosotros.

- Pos más que la verdá sí, y aún les traigo unos centavos...

- ¡Ah!

- Pero me vine porque va venir su mamá de él y su papá. Porque si me voy a volver a juntar con él, pero me voy a casar aunque sea por el civil:

- ¡Ah! pues que vengan.

Y sí, sí fueron. Entons nos casamos en el 1970 por el civil y ya no me fui a vivir con su papá, me dejaron nomás un cuartito dónde vivía sola con él.

Pues así seguimos viviendo y me hice embarazada del primer niño que tuve. Tenía como cinco, seis meses de embarazo, cuando tuvimos un problema con su mamá, porque nomás dividían las paredes.

Y pos, yo hallaba fácil en Veracruz, me vuelvo a ir, lo vuelvo a dejar y no me importó que estábamos casados por el civil, me vuelvo a largar. Pero entons no me dejó, porque a los ocho días fue a traerme, entons si le dije:

- ¿Sabes qué? Que no me voy, ora si pa tu casa no me voy. Si quieres vivir conmigo o deveras te quieres quédate aquí. Vamos a buscar casa, trabajamos los dos y aquí nos quedamos, pero pa Tuzamapa no me voy.

- ¡Ah! Entons como quién dice no te vas.

- No. Así que tú decides, te vas o te quedas.

Entons, no se si de verdá me quedaría porque mejor prefirió conseguir casa por allá y nos quedamos los dos. El empezó a trabajar de peón de albañil y yo de doméstica^{xlvi} y lo que íbamos ganando, íbamos juntando centavo. Cuando iba dar a luz sí me vine pacá, nació mi primer niño...tenía dos meses cuando se me murió, me quedé sin niño y nos volvimos a ir. Allá tuvimos juntos trabajando hasta que le dije.

- Digo tú, yo lo que pensaba que creo que el que se casa, casa quiere. Que te den un sitio, tu papá tiene muchos a dónde puedas hacer una casa y nosotros la hacemos con sacrificio, trabajámos entre los dos.

- ¡Mmmmm! ¿Pero cuándo crees?

- Tú nunca digas eso, tú piensa que hay que trabajar y hacer algo.

En una venida que vine, pues siempre era más atrevida, le digo a mi suedro^{xlvi}.

- Digo, le iba decir a usted, que asegún me dijo él que le iba a comprar una casa. ¿Sabe qué? Que yo aquí junto de mi suedra no voy a venir a vivir, porque cualquier chico rato nos vamos a volver a revolcar, le voy a volver a pegar y no tiene caso eso. Aquí junto de ella, no quiero. Cómo no le deja a usted allá abajo y nosotros hacemos la casa.

Porque es que ya le había pegado a la señora. Una vez enojada le había pegado sus cachetadas. El se enteró pero nunca le dio el lao a su mamá, él dijo que nos rompiéramos la madre como pudiéramos.

- Es que mira, ella está vieja, yo estoy joven y cualquier rato le voy a dar un mal golpe que sí la voy a lastimar.

- No, eso sí es lo que debes de procurar nunca lastimarla. Que le rompas las narices o que le rompas el chipo, rómpeselo,

xlvi sirvienta.

xlviii suegro.

Trabajo, poder y sexualidade

pero lastimarla no, tampoco que la vayas a desquebrajar^{xlix} de un golpe.

Por eso se lo advertí a mi suedro.

- ¡Ah! No quieres vivir junto de tu suedra.

- No. Ni junto de mi suegra, ni junto de mi mamá. Porque así el día que nos peliemos y nos demos en la madre uno o otro, ni mi suegra se da cuenta ni mi mamá se da cuenta, tamos lejos de unos y otros.

- ¡Aaaaa! Bueno, pos habla con él y si quieren allá, aquel sitio se los dejo.

- Pero con todo y la finca.

- Sí, con todo y la finca, ai se las dejo.

- Si, para que con el cafecito que córtemos empecemos hacer algo.

Pos nos dejó aquí. Nosotros trabajando allá teníamos reunidos cinco mil peso, en aquel tiempo era mucho dinero y le digo:

- ¿Sabes qué? Pienso que con ese dinero si alcanza para hacer una casita. Te deberías ir hacerla mientras yo aquí me quedo, sigo trabajando, para que cuando me vaya llegue directamente a mi casa.

- Bueno.

Y sí, se vino él y construyó esta casita.

Me vine. Pero con mi suedra no nos hablábamos..llegué y me dice:

- ¿Ya te veniste?

- Ya.

- Mmmmm

- Me vine porque vengo a sacar mis cosas, me voy a ir a mi casa. Y a usted no la quiero ver parada en las puertas de mi casa, porque el día que usted vaya a mi casa la corro. Así como usted si sintió orgullosa porque estaba usted en su casa, así me voy a sentir entrando a la mía. Así que nunca se le vaya ocurrir irse a parar...

^{xlix} desahacer.

Martha P. P. Jiménez

- *No me iré a parar a tu casa porque no quiera, pero la casa es de miyo.*

- *No es de su hijo, pregúntele, aquí está. Oye tú, dice tu mamá que la casa es tuya. La casa es de los dos porque la trabajamos entre los dos, no nomás tú. Que no sea pendeja la santa vieja.*

- *Ya cállate, no hagas caso.*

Pos en ese rato sacamos todo pacá.

Namás vino, me dejó y se volvió a ir a seguir trabajando en Veracruz. Aquí me quedé, namás me alivié¹ de la chiquilla, me estuve tres meses, y de nuevo me fui pa Veracruz, cerramos la casa y me fui a seguir trabajando. Me volví a venir cuando casi iba a nacer mi segunda hija, pero me volví a regresar a Veracruz aunque ya no trabajé porque no podía con las dos negüitas^{li}. Y como la tercera nació al año de la segunda, rápido me volví a regresar pacá y entonces, no me volví a ir.

El si quedó en Veracruz y yo me dediqué a trabajar en puro campo. A mis negas me las cuidaba mi mamá, yo me encargaba de cuidar y trabajar en la parcela, el derecho estaba a nombre de mi esposo, pero nada más que los beneficios los recibía mi suedro, nosotros mas bien teníamos la parcela nada más para el seguro. Así era el costumbre y yo trabajaba y no recibía ni un quinto de ai, nada. Un día le dije:

- *Digo tú, tu papá si nos va a dar la parcela que nos la de definitivamente, porque no tienen caso estar trabajando pa él.*

- *Mira, ten paciencia, el día que él llegue faltar, ese día la parcela pasara a nombre mío definitivamente y todos los derechos serán míos.*

Pos muchas veces hay que tener paciencia. Pos sí, falleció y entonces los beneficios fueron pa nosotros... y cuando murió mi marido, me quedó a mi la parcela, el coche y la casa.

¹ parir.

^{li} niñas.

Trabajo, poder y sexualidade

Mientras, así fue como vivimos la vida con los chiquillos y no nos volvimos a dejar, viví dieciocho años con él, hasta que se murió...bueno lo mataron por andar de peleonero. Pero al principio sí...pero es que su mamá ¡Juuu! era ¡juuu! y muchos papáses sí acostumbran ir a ver las hijas qué porque sufren, pero hay muchos papáses que no, luego lo primero que dicen es: "bueno si eso quería, eso tiene".

Hay de todo...mire, la primera vez que me vino la regla me espanté porque trabajaba en la finca de Martínez y pa mal comienzo le dije a mis amigas que eran más recias^{lii} que yo, pero a mi mamá nunca le dije una palabra...a uno nada le decían de esas cosas en esos tiempos. El día que me fui con el difunto no sabía a lo qué iba...porque más que la verdad desde novios, nunca dejé que me estuvieran abrazando y besuquiando, si platicaba con él, pero de lejitos, no como el costumbre de ora que ¡uuuuu! Ya pacá ya pallá. Cuando llegué con él a un hotel que me llevó, yo decía : "bueno ¿pa qué me trajo aquí?" Pensé: "va pedir un cuarto con dos camas, una pa él y una pa mí". Mas nunca me imaginé a lo que iba, aún verlo que él se quitó su ropa y se acostó.

- Desvístete y te acuestas.

- ¡Ah no! Yo no. ¿cómo crees que me voy acostar junto de ti? No, si fueras de mi de familia a lo mejor sí, pero no eres de mi familia.

- ¿Por qué no te quieres acostar conmigo?

- Porque no.

- Pero piensa que eres mi mujer.

- ¿Pero tu mujer por qué?

- Desde que te saliste de tu casa conmigo, eres mi mujer.

- Bueno pues seré tu mujer para echarte tu bastimento, para lavarte tu ropa...pero pa dormir juntos, no.

- ¡Ah! ¿a poco tu papá y tu mamá no duermen juntos?

^{lii} mayores.

Martha P. P. Jiménez

- *A pos si duermen juntos, pero creo que porque ya están viejos.*

Pos no me lo van a creer comadre, hasta se lo platicaba a mi mamá, que pasaron ocho días y a mí no me había hecho nada, porque no me dejaba. A mí no me había utilizado porque no me dejaba, me vino fregar porque me dio una pastilla para que me durmiera. Yo siento que eso fue, porque podía dormir y esa noche el me dice.

- *Voy a ir a ver al doctor porque me duele mucho la cabeza, voy a la farmacia.*

- *Bueno.*

Ai lo esperé en el cuarto. Y cuando llegó me dijo.

- *Mira te traje un refresco, pero namás que te lo traje en vaso.*

Lo hallé raro el sabor y le digo:

- *Tiene un sabor como a feo.*

- *¿Ora? No, no sabe nada. Es que tu también no has podido dormir y orita con éste refresco te vas a dormir tranquila.*

¡Ay! cuando vine a despertar comadre...tenía una hemorragia...¡Ay! Tenía una muina y chillaba de la muina.

- *¿Qué cosa me hiciste?*

Lo maltraté hasta donde más pude. Le metí unos arañones.

- *¿Qué cosa me hiciste en lo que me quedé dormida? Tú algo me diste en el refresco pa que me durmiera.*

- *Pos si no lo hago así...te hubieras ido...porque ora sí ya eres mi mujer, ora si ya fuistes mía.*

- *¿Pero que cosa me hiciste? ¿Qué cosa me hiciste que me baja mucha sangre?*

Pos me tuvo que llevar al médico porque me levantaba de la cama y eran chorros...me dieron medicina y me tuvo en reposo como tres días hasta que me compuse. De ahí me tuvo que cuidar como tres o cuatro meses. Ya después le decía.

Trabajo, poder y sexualidade

- *A mi me da miedo, me da miedo.*
- *Pero ¿por qué te da miedo, porque la primera vez te lo hice sin que te dieras cuenta, ¿verdá?*
- *Pos por eso, pa qué lo hiciste.*
- *Porque tú, de tu voluntá a lo mejor nunca ibas a querer.*
- *Cabrón...*
- *Porque en cine ya bía visto muchas cosas de esas o en las revistas, porque a mi me gustaba mucho leer revista, y ya me abía dado cuenta de muchas cosas de esas...más nunca pensé que también a mí me lo iban hacer.*
- *Entons le decía:*
- *Es que a mi me da harto miedo porque dicen que una mujer que se acuesta con un hombre después tiene niño y ¿por dónde los van a tener?*
- *A él namás le daba risa y me decía.*
- *¿Tu en qué has visto eso? ¿En las televisiones?*
- *No, lo he leído en revista y lo he visto en los cines, en películas.*
- *Mmmmm Pues el caso de todas las mujeres, así que no veo porque te espantes.*
- *Cuando nos enojábamos le decía:*
- *¡Ay hijo de tu chingada madre! Te aprovechaste de mí. ¿Por qué me hiciste esto? Tu no me vieras hecho eso, a ver el día que vaya a tener un hijo ves a tenerlo tú, menso.*
- *A mi mamá se lo vine a platicar después.*
- *Ya ves, te decía que no te casaras ¿quién chingao te mandó?*
- *Pues sí, pero como me dijo la doctora cuando fui verla qué si a poco eso usté no me lo había explicado.*
- *¡Ah! Creo que no es necesario que uno se lo explique, van creciendo y van sabiendo a lo que le van tirando ¿no?*

Martha P. P. Jiménez

- *No es cierto, yo no sabía a lo que iba. Porque la primera vez que reglé a poco te dije o a poco tu me preguntaste? Nunca me preguntaste y nunca te dije nada.*

- *Ya no son tan chiquitas. Creo que solas tienen que ir abriéndose la inteligencia.*

Pero no, hasta cuando te tocaba, sabías a lo que ibas. Cuando estaba embarazada sabía por donde me iba a salir el nego porque lo había visto en las películas y eso era lo que me espantaba y decía: "¡Ay Dios mío! ¿Cómo se hará eso?" "¡Ay padre Jesús! Pos si tiene una la cosa tan chiquita pa que salga un niño"...Era lo que a mí me asustaba. Y creo que tanto la suerte y dios me ayudó, pos cuando tuve el primer chiquillo comadre, ni sufrí. Había señoras más recias que me decían:

- *¡Ay mi niña! Si vieras lo que sufre uno pa tener los hijo, los dolores tremendos que se sientes.*

- *¡Ay Dios mío!*

Creo que tanto pedirle a Dios...que no sufrí pa tener el primer hijo, creo que Dios me ayudó. Lo tuve en el Seguro sin anestesia, natural.

A mis hijas, todo les expliqué desde que tenían la edad de diez años, les empecé a ir abriendo la inteligencia y pos ya ve que ahorita en las escuelas también les abren los ojos, porque si es posible no se los tenía que decir, sino que venían y me lo preguntaban.

- *Mamá ¿a poco esto y esto?.*

- *Sí hija, así es.*

No había necesidad que se los dijera directamente, sino que venían y me lo preguntaban ellas.

A mis hijas ya no les tocó esa época...Tú viste como le decía a tu ahijada, a mi hija de quince años, que se acaba de casar.

- *Te vas a casar hija pero tú estás ya muy sabida a lo que vas.*

Trabajo, poder y sexualidade

- Sí, sí...

Era su contestación...ya ni se espantó, creo.

Son otros tiempos...mira, cuando me junté con éste señor que tengo ahora, mis hijos no se molestaron, no hubo ningún problema...sus hijos tampoco, hasta la fecha lo vienen a ver acá. El tiene su mujer en ca su papá y el pueblo no dice nada, porque no soy la primera, habemos varias y yo allá ni me meto, ni ofendo, ni les quito nada.